

ANNO III

BAHIA

NUMERO 4

REVISTA DE

EDUCAÇÃO

(ORGÃO DA DIRETORIA GERAL DE  
INSTRUÇÃO E DA ASSOCIAÇÃO  
BAHIANA DE EDUCAÇÃO)

DEZEMBRO DE 1931



1931  
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO  
RUA SILVA JARDIM, 14 — TEL. 3370  
BAHIA



**REDATOR, o Secretario Geral**

*Arquimedes Pereira Guimarães*



ANNO III.

BAHIA

NUMERO 4

REVISTA DE  
EDUCAÇÃO

(ORGÃO DA DIRETORIA GERAL DE  
INSTRUÇÃO E DA ASSOCIAÇÃO  
BAHIANA DE EDUCAÇÃO)

DEZEMBRO DE 1931



1931  
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO  
RUA SILVA JARDIM, 14 — TEL. 5870  
BAHIA



## EM PROL DOS NOSSOS ENJEITADOS

---

### A "RODA" DE EXPOSTOS

Conferencia realizada na "Semana da Criança" (\*)

PELO

PROF. MARTAGÃO GESTEIRA

---

A' minha palavra, desautorizada e palida, a contrastar, numa tonalidade esmaecida de crepusculo, após um dia vivo de sol, com o brilho das orações que a precederam, tocou a honra insigne de encerrar esta "semana da criança", reedição magnifica daquele memoravel certame que, pela vez primeira no Brasil, vai para quatro anos, teve a Bahia a iniciativa de celebrar, aqui mesmo nesta casa, ao abrigo desta magestosa e acolhedora cupola, sob a qual se guardam, carinhosamente, as reliquias das suas tradições e das suas glórias! E pondo fecho a esta serie de notaveis conferencias em prol da infancia, coube-me falar-vos da criança asilada.

Tomando, porém, a mim o tema momentoso, não o pretendo encarar sob aquela feição por que nos veio de S. Paulo recomendado. Quero abordá-lo, sim, por um outro dos seus aspetos: o que concerne

---

(\*) Recompsta posteriormente a pedido do illustrado Secretario Geral da Associação Bahiana de Educação.



aos Asilos de Expostos, ao problema doloroso dessas infelizes criancinhas que um destino ingrato e mau arrancou ao regaço e aos carinhos maternos. E' que, dentro desse problema, se levanta, palpitante de interesse, questão para nós de magna importancia e de duplo alcance patriótico, porque joga com a vida de milhares de pequeninos brasileiros e atenta contra os nossos credits de gente culta!

A arenga com que ponho termo á "semana da criança", será um libelo contra as "rodas de expostos".

\* \* \*

Meus Senhores.

Uma das mais fortes, das mais imperiosas contingencias a que, desde os degraus menos altos, mas já um tanto diferenciados da escala zoologica, obedecem os seres vivos, é por certo a do afeto que prende a mãe ao produto que das entranhas lhe proveio.

Instinto dominador nos seres irracionaes, ele se mostra, salvo aberrações rarissimas, dos mais constantes e dos mais poderosos, enquanto o pequenino rebento tem ainda necessidade do aconchego e do amparo maternos.

Nos animais domesticos e, mais ainda talvez, naqueles que vivem no interior das selvas, longe do contacto do homem, o apego das mães aos filhos recém-natos é avassalador, e enquanto os pequeninos não se encontram em condições de viver por propria conta, dispensando o amparo da mãe, esta jamais os abandona. Antes, com violencia e desespero reage contra quem do seu convívio os tenta arrancar. O



instinto da maternidade absorve, domina, sobrepuja todas as outras contingencias da vida.

No topo da escala zoologica, na especie humana, esse instinto se sublima naquele sentimento elevado e santo, que é o amor materno, aberto a todos os sacrificios, capaz de todas as dedicações, fonte abençoada de tantas alegrias, causa sagrada de tantos sofrimentos heroicamente suportados.

Pesar disso, desgraçadamente, são inumeras e frequentes as contingencias que façam a mulher abandonar, mal chegado a este mundo, o filho que no seu ventre se engendrará! Falam na especie humana, a miude, taes contingencias mais alto que as santas injunções do amor materno.

Não preciso acentuar perante vós o que significa tal separação. Não vos preciso enumerar os graves, os gravissimos maleficios que desse abandono resultam para o menino, quer do ponto de vista fisico, quer do ponto de vista moral. Nem me sobraria o tempo para encarar convosco a dolorosa odisséa desses enjeitados, os perigos que correm, os males que os espreitam, o triste e torvo destino que os aguarda.

Deixo ás inteligencias esclarecidas e aos corações bem formados daqueles que me ouvem e que foram criados no aconhego tepido dum lar, rodeados dos carinhos duma familia desvelada, a crescerem sob os olhos tutelares, ternos, cuidadosos, olhos insubstituiveis duma mãe extremosa, aquilatar o que ha de ser a desdita desses desgraçadinhos, sem lar, sem familia, sem mãe, felizes, bem felizes ainda, aqueles que encontram, no recesso duma instituição abençoada como essa que a Santa Casa de Misericordia mantem



na Bahia, o conforto da caridade, a esmola do tecto, do pão e da instrução.

Prefiro entrar a estudar convosco as razões, as dolorosas razões desse extranho fenomeno social, dessa cruel contingencia que põe a especie humana em degrau inferior na escala animal, afim de que melhor possais ajuizar dos remedios a lhe opôr.

O abandono do recém-nascido, e claro está que por abandono eu entendo a separação definitiva da mãe e do filho (restrição que se impõe, pois não vale encarar no momento os casos, desgraçadamente, também, tão frequentes na sociedade actual, das separações transitorias por motivos de ordem varia), o abandono, ou, melhor, para valer-me da linguagem popular, sempre tão expressiva, "o enjeitamento" da criança, tem por causa factores complexos que, com Morquio, o notavel pediatra uruguaio, que do problema tanto se tem occupado, em quatro grupos se podem enquadrar:

- 1.º — A orfandade.
- 2.º — O segredo.
- 3.º — A mãe solteira.
- 4.º — A miseria.

A escassez do tempo não me permite fazer perante vós, como o fiz para os meus alunos da Faculdade, uma analyse, mesmo ligeira, desses factores. Se não haverieis de vêr como, entre nós, somente os dois ultimos — a mãe solteira e a miseria — alimentam a roda. Os dois primeiros — a orfandade e o segredo — atuam tão raramente, têm uma importancia tão menor, que quasi não merecem levados em conta.

Contentai-vos com essa afirmativa que vos faço,



baseado num estudo acurado da questão, e cuidemos de vêr em que consiste a profilaxia desse flagelo, isto é, vejamos o que se deverá fazer para, tanto quanto possível, evitar o abandono da criança. Em seguida veremos como se deverá atuar deante dos casos inevitaveis ou, seja, o que se ha de fazer do menino cujo enjeitamento se não pôde impedir.

Nas civilizações dantanho, quando a piedade e o respeito pela vida do recém-nascido, depois duma epoca de absoluto descaso, se foram infiltrando aos poucos no espirito da humanidade e se foi fazendo sentir o dever de coibir o abandono e o infanticidio que as leis antigas autorizavam, a profilaxia de taes flagelos assentava em meios puramente corretivos: no castigo.

Foi, se me não falha a memoria, o primeiro imperador cristão quem tirou aos pais o direito, de que eles até então gozavam discrecionariamente, de vender, dar ou abandonar os filhos. Mas, o proprio Deocleciano tolerava ainda o infanticidio e autorizava a escravidão dos meninos enjeitados.

Os imperadores que se lhe seguiram decretaram a punição para o abandono das crianças e impuseram a todos os pais a obrigação de criar os filhos.

Os visigodos, que não consideravam crime o abandono do recém-nascido, puniam, entretanto, com pena de morte, o aborto e o infanticidio.

Na França, segundo Lallemand, citado por Nobecourt, «sob o antigo regime, a exposição do menino, praticada até o seculo XVIII, era, em principio, punida. Conforme o abandono se efetuava numa igreja, sobre a praça publica ou em um lugar deserto, o culpado era condenado ao chicote, á multa ou ao banimento“.



Os progressos da civilização foram substituindo tais castigos por meios preventivos mais humanitarios e efficientes. Buscou-se remediar o mal nas suas origens, procurando-se combater-lhe filantropicamente as causas.

Hoje os paises cultos se valem, na luta contra o enjeitamento, de duas grandes armas:

- 1.º — Os socorros preventivos ao abandono.
- 2.º — As obras de amparo á mãe desvalida.

Os socorros dispensados á mulher, coagida pelas circumstancias ao abandono do filho, são de ordem moral e material, não tendo, os primeiros na grande maioria dos casos, força bastante para evitar o mal.

Valem, entretanto, de muito.

A mulher a quem se conforta com uma demonstração de interesse e de piedade; a quem se mostram as tristezas que aguardam o filhinho por detrás da porta lugubre dos Asilos; a quem se encoraja com algumas palavras de esperança e de fé; via de regra, toma-se da resolução de lutar heroicamente para conservar consigo o pequenino, que o desconforto e a miseria, numa hora de desanimo, a haviam decedido a abandonar. Mas, isso não basta.

É mister se lhe venha em auxilio com alguns recursos materiais que a desafoguem, pelo menos por algum tempo e a ajudem nesses bons propositos.

E' o que fazem hoje quasi todos os paises cultos, com exceção do nosso. Em quasi todos, tais socorros preventivos do abandono se acham regulamentados por lei e estão a cargo das municipalidades ou da assistencia publica.

Esses socorros são dados, em roupa, em alimentos



ou em dinheiro. Mas, é quasi sempre em dinheiro, num pequeno subsidio que permite á mãe de se manter e de criar ela propria o filho ao peito, que se traduz tal amparo, acudindo assim á formula que em puericultura se considera ideal para casos tais: «que a mulher pobre seja a ama de leite paga do seu filho».

Na França, onde tais socorros preventivos do abandono têm largo desenvolvimento, são, segundo Nobecourt e Schreiber, por eles beneficiados:

a — as mães solteiras abandonadas;

b — as mulheres casadas abandonadas pelo marido, as viúvas, as divorciadas; aquela cujo marido está na prisão ou internada num Asilo de alienados e, excepcionalmente, a mulher cujo marido enfermo é um encargo em vez de ser-lhe um arrimo;

c — as mães legítimas ou naturais de um menino cujo pae está na guerra e que não seriam socorridas em virtude da lei militar;

d — os viúvos e homens casados abandonados pelas mulheres;

e — os paes que têm a seu cargo um filho natural em consequencia da morte ou desapareção da mãe;

f — o pae e a mãe dos genitores dum menino legítimo ou natural;

g — os casais cujos filhos, por circunstancias excepcionais, se encontram quer ameaçados de abandono, quer expostos a morrer de miseria».

Nos outros países de origem latina a legislação é mais ou menos a mesma. Na Alemanha e na Austria, porém, esses socorros preventivos do abandono se baseiam no reconhecimento da paternidade, que nesses países é obrigatorio, impondo-se ao pai o dever de concorrer para o sustento do filho.



Do mesmo modo na Noruega, segundo um relatório de Joahnessen ao Congresso de Bruxelas e na Suecia, como se vê da exposição de Tiselius á mesma douta assembléa.

Tambem na Dinamarca o pai é obrigado a concorrer com 3/5 das despesas feitas pelo Estado na manutenção do menino.

Ainda assim nos Estados Unidos, onde a legislação varia um pouco de um Estado para outro, mas é mais ou menos, em quasi todos, calcada sobre as leis escandinavas, cabendo aos pais a responsabilidade moral e pecuniaria da criação dos filhos.

As obras de amparo á mãe têm a mesma finalidade desses socorros preventivos, mas uma ação mais eficiente e mais completa.

Os socorros em dinheiro, com efeito, quasi sempre insuficientes, não resolvem muitas vezes as dificuldades em que se debate a mulher sem trabalho, sem abrigo e sem familia ou por esta, após a falta, repudiada. O subsidio que lhe concede o Estado mal lhe dá, quando dá, para aquisição de um pouco de alimento destinado a matar a propria fome ou de um pouco de leite para o filhinho, se ela tem, como quasi sempre nesses casos de atribulações e de miserias acontece, estanques os seios.

Saída da Maternidade, que a acolhera já nos ultimos dias do nono mês e donde é aiastada logo 8 ou 10 dias após o parto, a mãe solteira, repudiada pela familia, abandonada pelo sedutor, sem abrigo e sem recursos, corre á cata de um emprego que lhe permita manter-se e é por isso forçada a abandonar o filho.

E' para remediar a tal contingencia que se funda-



ram as obras em questão, os chamados "Abrigos" ou "Casas Maternais", que recebem as mulheres egres-  
sas das Maternidades, acolhendo-as com os filhos  
durante alguns meses.

A mãe desventurada encontra assim, por algum  
tempo, assegurados o tecto, o vestuário e a alimentação,  
e pode consagrar-se com tranquilidade e segurança,  
à amamentação do filho. E basta esse convívio de  
alguns meses com o filhinho, para despertar e forti-  
ficar o amor materno, a ponto tal que a mulher, quasi  
sempre, nesses casos não mais cogita de abandonar  
o pequenito, confirmando-se desse modo a velha obser-  
vação segundo a qual a mãe que conheceu o primeiro  
sorriso do filhinho jamais dele se separa.

Alguns desses "Abrigos" ou "Casas Maternais",  
de que vos estou falando, recebem a mulher já antes  
do parto, de modo a assegurar-lhe nos últimos meses  
da gravidez, a tranquilidade e o repouso tão neces-  
sario ao bom desenvolvimento do feto.

Na Belgica, na minha ultima viagem, tive oportu-  
nidade de visitar entre outras "Casas Maternais",  
uma instituição desse genero, o "Asyle de la Mère et  
des Petits", em Liege, á Rua Wazin 57, cujo pro-  
grama é assim formulado:

1.º—Recolher a mulher sem lar, antes e depois  
do parto, preparando-a para esse grande aconteci-  
mento em boas condições de hygiene fisica e moral  
e conservando-a até que a separação do filho se possa  
fazer sem grande prejuizo para a criança.

2.º—Ocupar-se da colocação das crianças pobres  
que desde o nascimento têm de encontrar um abrigo  
fóra do domicilio dos pais.

Esses meninos que a Obra guarda sob a sua



proteção até aos 3 anos de idade, se recrutam notadamente entre aqueles cujos pais sofrem de doenças contagiosas, como a tuberculose, os filhos de mães solteiras abandonadas e os orfãos e enjeitados”.

A mais perfeita, porém, e a mais completa das instituições desse typo e que se pode considerar verdadeiro modelo no genero, é a “Kayserin Augusta Victoria Haus”, em Charlottenbourg — Westend, nos arredores de Berlin, que tive ocasião de visitar.

Estabelecimento científico, destinado ao estudo de todos os problemas que se prendem á criança, essa Obra, sob a direção do eminente Langstein, é sobretudo um órgão de luta contra a mortalidade infantil e de profilaxia do abandono.

Ao lado da parte científica e educativa, na qual se destaca como uma verdadeira maravilha, o *museu de hygiene infantil*, encontram-se os órgãos de proteção propriamente ditos, com uma *seção de partos*, dispondo de *abrigo de gestantes; maternidade; asilo para mães; asilo para lactentes sadios*, com uma sala especial para prematuros, admiravelmente aparelhada; *hospital de lactentes* perfeita e ricamente instalado; *estabulos modelares* e varias outras dependencias de mais moderno e apurado arranjo tecnico.

Essa instituição, que se mostra na Alemanha com orgulho, exerce um papel de grande relevancia na profilaxia do enjeitamento. “Ela” recolhe a mulher ainda no curso da gravidez e lhe dá um abrigo até o momento do parto, quando é transferida para a maternidade do estabelecimento. Terminado o parto, ela passa para o asilo maternal, onde durante tres meses, cercada do maximo conforto, se consagra exclusivamente ao alactamento do filho, tarefa na



qual, se ela não pôde executá-la sozinha, é ajudada por outra mulher recolhida ao estabelecimento, numa verdadeira atuação de mutualidade. As horas vagas são aproveitadas para o ensino de uma profissão, se a mãe já não tem alguma.

Depois de completados os tres meses ela vai trabalhar fóra, voltando, porém, á noite para dormir, podendo ficar assim asilada durante um ano inteiro no estabelecimento”.

É, como vêdes, uma instituição ideal.

No mesmo genero, mas em proporções menores, vi na Austria, em Viena, a “Reichsanstalt für Mütter und Kinderfürsorge”, sob a direção de Moll.

Muitas obras dessa natureza, como tive o ensejo de verificar na Belgica, se esforçam por obter uma colocação para a mãe, de jeito a pô-la ao abrigo das necessidades e trabalham no sentido de interessar os pais pela sorte dos filhos illegitimos ou abandonados, conseguindo frequentemente regularizar, pelo casamento, a condição social da mulher.

Mas, meus senhores, nem socorros quaisquer, que eles sejam, nem obras, por mais modelares e completas que se mostrem, resolvem de modo absoluto o problema profilatico do enjeitamento.

Muitos abandonos se evitam, é certo, mas nem todos.

Por isso, em quasi todos os paises, o numero de crianças enjeitadas é sempre avultado, e tende a crescer de ano para ano, á medida que se avolumam e se agravam as dificuldades materiais da existencia.

Na impossibilidade de evitar por completo o doloroso fenomeno social, cumpre á sociedade encarar



e resolver, de modo o mais humanitário possível, o triste problema que oferecem essas infelizes criaturas sem família e sem lar.

Que se ha de fazer com elas?

As civilizações antigas, meus senhores, resolviam o caso de modo sumarissimo: sacrificando-as. Todas as crianças abandonadas pelos pais eram, nos tempos remotos da humanidade, impiedosamente supressas.

Mostrando como Malthus nada inventára, o Dr. Thulié, no seu interessante livro "Les enfants assistés de la Seine", ao qual me reporto nesse breve bosquejo historico, lembra que num estado já adiantado da civilização, em muitas das antigas republicas, regulava-se até a natalidade pelos meios de subsistencia e "os meninos que excediam as cifras prefixadas eram condenados á morte". Se os pais não os podiam criar, tinham o direito de suprimi-los.

"O menino que nascia era um trabalhador em germen ou um guerreiro no futuro; mas desde que o numero de filhos se tornava um embaraço, eles eram sacrificados, sem remorsos, para aliviar o fardo".

Aristoteles, que, como Platão, pregava o sacrificio dos meninos debeis e disformes, aconselhava o aborto, como meio de manter a natalidade na cifra legal.

"As leis de Licurgo, de Solon e mais tarde as de Romulo, de Remo e as dos Decemviros, autorizavam o infanticidio." E, pergunta Thulié, a quem estou tomando tais afirmativas, "o doce Plutarco não desculpava, ele proprio, o infanticidio nos pobres, achando natural que eles tivessem medo de fazer



dos seus filhos homens vulgares e comuns, nutrindo-os com alimentos grosseiros? Não é maravilhoso, indaga ainda Thulié, de vêr esses excelentes pais matarem os filhinhos para arrancá-los á miseria? E, é-se quasi tentado a dizer, para lhes fazerem a felicidade?!”

Em Roma, onde os abandonos se mostravam frequentes, era dolorosa a sorte dos meninos expostos, victimas quasi sempre, por parte de quem os encontrava, de mutilações horriveis, afim de se tornarem capazes de despertar a piedade e servir assim de instrumentos de ganho a quem deles se apossasse.

Esses meninos eram, com efeito, propriedade, escravos, de quem os achava e a propria igreja catolica, em concilios sucessivos, reconhecia e proclamava a escravidão dos enjeitados, que só o Código de Justiniano aboliu, reconhecendo embóra ainda aos pais miseraveis o direito de vender os filhos desde o nascimento.

Só muito mais tarde surgiram iniciativas no sentido de melhorar a sorte dos meninos abandonados, recolhendo-os a estabelecimentos destinados a cria-los.

Fundaram-se então os “asilos de expostos”, dos quais um dos primeiros de que se tem noticia, foi o de Milão, instalado pelo archiprior Dateus, em 787.

Outros foram em seguida fundados pelos irmãos do Espirito Santo, por Inocente IV e por Guido, filho de Guilherme, conde de Montpellier. Mas, por longo tempo esses estabelecimentos nasceram e viveram exclusivamente da filantropia particular.



Só em meados do século XVI a intervenção apostolar de S. Vicente de Paulo logrou conseguir que o Estado se interessasse pela salvação dos enjeitados.

Havia, então, em Paris, "perto de Saint-Landry, numa das ruas mais sombrias, mais tortuosas e mais infectas da velha cidade, uma pequena casa de ogivas, onde uma pobre viuva, ajudada por duas criadas, recebia e criava, como lhe permitiam os seus minguados recursos, todos os desgraçadinhos apanhados nas ruas e para ali transportados. Ficou em toda a cidade a modesta casinha conhecida pelo nome simpático de "La Maison de la Couche!".

Morta a bondosa viuva, continuaram as amas a receber os recém-natos, mas, conta-nos o historiador, "os meninos morriam aos montões e sinistros rumores começaram a correr sobre a "Casa do Berço", que se passou a chamar "a Casa da Morte".

Ouvi a descrição: "Os pobres desgraçadinhos se tornavam um artigo de commercio. Em lugar de os coletarem nos pateos, os mendigos e saltimbancos iam abastecer-se deles na rua de Saint-Landry. Ali iam tambem, fazer o seu fornecimento, as nutrizes sifilíticas que esperavam curar-se do seu mal transmitindo-o a um pequeno ser humano. Lá iam, ainda, dizia-se, necromancistas que precisavam de pacientes para a pratica dos seus encantamentos e sortilegios; e, tambem, velhos que esperavam reanimar a vida gasta banhando-se no sangue de criancinhas.

«O preço corrente desses desgraçados não passava de uma libra!»

«Quando S. Vicente de Paulo foi visitar a «Casa da Morte», sentiu-se revoltado deante do espetaculo



que aos olhos atonitos se oferecia: num montão, os meninos jaziam, misturados, vivos, agonizantes ou mortos, sobre catres tressandantes».

A intervenção de S. Vicente, junto ás Damas de Caridade, obteve interessa-las na "Casa do Berço". Mas, esgotado o dinheiro de que a agremiação podia dispôr, S. Vicente alcançou, valendo-se da intercessão de Anna d'Austria, cujo coração maternal logrou comover, que Luiz XV concedesse ao estabelecimento uma pensão anual de 3.000 libras, depois aumentada para 6.000 por Luiz XVI.

Para os fins do seculo seguinte, do vulcão tremendo da revolução francêsa, entre tantas preocupações de solidariedade humana que dominavam os legisladores da epoca, sobresaía a do amparo á criança e daí o benemerito Decreto da Convenção, datado de 28 de Fevereiro de 1793, que em longos e minuciosos artigos criava e organizava a proteção e assistencia aos meninos enjeitados, decreto cujos dois primeiros artigos eram assim formulados: «1.º A nação se encarrega da educação fisica e moral dos meninos abandonados. 2º Dora em diante eles serão designados exclusivamente pelo nome de orfãos. Nenhuma outra qualificação será permitida».

Depois disto se foi, dia a dia, aperfeiçoando na velha França a organização de amparo aos expostos. E o seu exemplo foi por todas as nações imitado.

Hoje, em quasi todos os paises, com raras excepções, entre as quaes se destaca a do nosso, onde, pelo menos na Bahia, essa e outras tarefas de assistencia pesam exclusivamente sobre a benemerita Santa Casa de Misericordia, o Estado tem a seu



cargo a proteção dos meninos enjeitados e mantem estabelecimentos destinados a recolhe-los.

Os asilos de expostos funcionavam no começo abertamente, acolhendo todos os meninos que ali eram levados pelos comissarios de policia ou por quem os encontrasse nas calçadas, nos pateos e nas portas de igrejas que eram o lugar de predileção dos abandonados.

Mais tarde, sob o fundamento de que seria preciso facilitar o mais possivel o abandono afim de coibir os infanticidios e guardar o mais rigoroso segredo em torno da origem da criança, para evitar escandalos sociaes, surgiu na Italia, em 1471, ao remodelar-se o Hospital do Espirito Santo, em Roma, a instituição tetrica da "roda" ou "torno" de expostos, extranho aparelho de madeira destinado ao recebimento dos enjeitados.

Dispensó-me de descrevel-o. Aquelles dentre vós que visitaram o nosso Asilo de Expostos já tiveram oportunidade de conhece-lo de perto, no seu lugubre e sordido aspeto, pois a Bahia, num acinte aos seus creditos de cidade culta, ainda teima em conservar o triste legado da idade media.

Todos os outros paises, entretanto, que o adotaram e foram só os de origem latina já de ha muito o baniram.

Instituida na França, pelo celebre decreto de 1811, que estabelecia ao mesmo tempo ficarem destinados ao serviço da marinha todos os meninos nela depositados, "assim condenados-- como pondera Thulié-- ao triste destino de carne para canhão e carne para peixe", a roda foi supressa nesse generoso país, onde as ideias de filantropia e de humanidade encontraram sempre soltoção propicio, "por uma circular de 27 de



Julho de 1838 e depois terminantemente proibidas por lei em 1863”.

O exemplo da França foi por todos os outros países imediatamente seguido e ainda o ano atrazado, quando visitei na Espanha a excelente Casa dos Expostos de Fraissoro, foi cousa que me mostraram os dirigentes, com certo orgulho, o celebre instrumento selado desde 1923.

Em todos esses países a Roda está hoje substituída pelo “escritorio aberto”.

Esse o sistema de recolhimento dos enjeitados hoje instituído em todos os países adiantados e no qual a facilidade do abandono, reclamada pelos que temem o infanticídio, é tão completa quando na “roda” e o sigilo, que pedem os apavorados de escandalo, tanto quanto nela rigoroso.

Na verdade, como já escreveu certo Ministro do Interior na França, “generalizando-se o sistema de admissão em escritorio aberto restabeleceu-se a “roda”, não a roda mecânica que funcionava sob o imperio do decreto de 19 de Janeiro de 1811, mas uma “roda” aperfeiçoada, moderada, ouvindo e falando, capaz de fazer perguntas e de responder as que lhe sejam feitas”.

Eis aí, meus senhores, como os países que se presam de cultos, resolvem hoje o problema da criança enjeitada!

E o Brasil? Ou, antes, a Bahia, pois que somente deia tenho o direito de falar?

Na Bahia, meus senhores, nada de socorros preventivos do abandono; nada de abrigos maternas; nada de escritorios abertos! A Bahia, aferrada á doutrina, surda aos clamores da ciência, num chocante



atentado aos foraes da sua cultura e da sua imensa generosidade, preferiu ficar em pleno regime da idade media: a Bahia conserva a "roda" que ainda encontra no Brasil quem a defenda.

Fóra do nosso pais a ultima vóz autorisada que se levantou para defende-la, foi a de Beranger, no Senado francês, em 1887, depois da memoravel campanha levantada pelo Dr. Bronchard que por alguns anos apaixonou a opinião publica. Mas o projeto do senador francês não mereceu acolhida e o "torno" foi definitivamente supresso.

No Brasil, entretanto, ainda ha quem lhe ampare a existencia.

Ainda não ha muito deram-me a lêr um artigo do "Jornal do Comercio", em que, sob o titulo de "Paraiso dos Infelizes" fazendo um elogio, aliás justissimo á Casa de Expostos do Rio de Janeiro, dizia o escritor que ali a "roda" ainda existia e não poderia deixar de existir.

As razões dessa afirmativa, atirada assim categoricamente ao publico, do alto das colunas de um orgão prestigioso da nossa imprensa, não na's dava o autor do escrito. Nem um unico, nem um só argumento aduzia em apoio dessa opinião que, nas nossas Santas Casas de Misericordia, se vae repetindo de mesario a mesario, de irmão a irmão, de irmã de caridade a irmã de caridade, sem que se queiram escutar os clamores dos que ao estudo do assunto se têm consagrado. E se alegam os mesmos mofados argumentos, sussurrando, com pavor, os dois unicos estribilhos: *a "roda" guarda o segredo; a "roda" evita os infanticidios!*

Eu vos direi já, meus senhores, como a "roda"



guarda o segredo e vos mostrarei como na "roda" é que está muitas vezes o infanticídio. Antes, porém, quero dizer-vos que taes sedições razões não lograram, no proprio Brasil, honra lhes seja feita, a sanção dos entendidos e dos legisladores, que cogitaram até da supressão, por lei, do medieval aparelho.

De fato, o Regulamento da Inspeção de Higiene Infantil, criado por esse grande espirito que foi Fernandes Figueira e aprovado pelo Decreto n. 16.306, de 31 de Dezembro de 1923, estabelece no seu art. 388 a proibição absoluta das "rodas" de expostos em todo o país. E o código de Menores estatue, no seu art. 15, terminantemente: "a admissão dos expostos á assistência se fará por consignação directa, excluindo o sistema das "rodas".

Como vêdes, meus senhores, as leis federaes proíbem no Brasil as "rodas". Mas, no Brasil, bem o sabeis, pelo menos no Brasil de até ha pouco, as leis se faziam só para os pequenos, direi melhor, contra os pequenos, não tendo força de atingir os vultos de prestigio nem as instituições poderosas!

Mas, ouçamos as razões da ciencia.

Disse-vos que dois principaes e quasi unicos argumentos invocavam os partidarios da "roda". Ides vêr como são inanes.

*A roda guarda o segredo e o segredo cumpre ser rigoroso para evitar escandalos sociaes.*

Deveis lembrar-vos ter eu dito que a necessidade de guardar segredo em torno do nascimento da criança só de modo excepcional entre nós atuava como fator de enfeitamento. E, pergunto agora, nos casos rarissimos em que o segredo se faça imprescindivel, garante-o, por ventura, a *roda*?!



Os que mourejam no nosso Asilo de Expostos sabem muito bem que não.

Nesses casos, pelo menos entre nós excepçionaes, em que o segredo se impõe para evitar a vergonha ou salvaguardar a honra, a deposição do menino dever-se-á fazer, é claro, immediatamente após o nascimento, pelo menos nos primeiros dias, por isso que a sua conservação, mesmo por pouco tempo, bastaria para a revelação da maternidade que se procura encobrir.

Ora, o ano atrazado — eu tive o cuidado de solicitar esses dados á archivista do Asilo — foram aqui depositadas na “roda” 159 crianças, das quaes apenas 9 tinham menos de 8 dias de nascidas e por consequencia pederiam estar no caso daquelas para as quaes se impõe o segredo. Ora, destas 9 crianças, 8 trouxeram declarações sobre os pais!

E num caso, talvez unico, em que, no decorrer desse mesmo ano passado, no qual ali pela primeira vez trabalhamos, parecia indispensavel tal segredo para encobrir certo fato escandaloso, logo no dia immediato ao da deposição da criança na “roda”, ao chegarmos ao serviço, todos nós, medicos, internos, enfermeiras, já tinhamos conhecimento da orijem da menina e das razões que á roda a haviam condenado.

Ai tendes como num meio pequenino, como o nosso, o «torno» encobre o segredo!

Se não mais do que ele, pelo menos com igual discreção, guarda-o o «escritorio aberto», onde, se a pessoa que traz a criança deseja guardar reservas, nem uma indagação se lhe formula. A «roda» não tem, pois, sobre o moderno «escritorio de admis-



são», no que tange ao segredo, superioridade alguma.

Mas, a roda evita o infanticídio, repetem os que a defendem.

A isso se poderia opôr que o atirar um menino á roda já é cometer um infanticídio, tamanha a mortalidade que espreita os enjeitadinhos por detraz do barbaro instrumento.

Consultai as estatísticas do nosso Asilo, até ha pouco tempo, e vereis que as crianças pequeninas depostas na roda tinham mais de 75 probabilidades 0/0, de morrerem contra menos de 25 de salvação.

Escapavam as mais robustas, as mais resistentes, de quantas passavam pela extranha machina de seleção.

Assim de Janeiro de 1920, a Janeiro de 1930, no decenio, portanto, anterior á nossa intervenção ali, recebeu a roda, 1.530 meninos. Deles faleceram, ouvi bem, meus senhores, 1.153!! Escaparam apenas 387, o que dá uma mortalidade de 75,35°/°!

E como aqui, em quasi todas as partes, onde a "roda" funcionava,

Pois já não se tem escrito, tantas vezes, que "sob o pretexto de velar a deshonra ou de amparar o crime, "a roda" perpetuava um matadouro de innocentes?" E Morquio, com a sua imensa experiencia, não n'a considerava "infanticida legal com a impunidade garantida"? Certo que sim!

Mas, deixando isso de lado, meus senhores, a "roda" impedirá mesmo, como pretendem os seus escassos partidarios, os atentados diretos contra a vida do recém-nato? Elles dizem que sim, porque a "roda" facilita o enjeitamento.

Ora, eu já vos disse que no "escritorio aberto"



a facilidade do abandono é a mesma, a mesmíssima; nenhuma formalidade a preencher, nenhuma dificuldade levantada, nenhuma restrição ao enfeitamento.

Vale, porém, averiguar, o que importa, na profilaxia do infanticídio, a facilidade do abandono.

Vejamos na própria França, onde o argumento foi levantado por Beranger no Senado, documentando-o com a exibição dum quadro estatístico no qual a média anual dos atentados contra a infancia, parecia, encarada em algarismos brutos, haver aumentado depois da supressão das "rodas". Analisado, porém, esmiuçadamente esses algarismos, o Dr. Thulié chega a uma conclusão exatamente inversa, isto é, que "a média dos atentados contra a infancia tende a baixar a partir do periodo de 1861 a 1865, isto é, quando as "rodas foram definitivamente fechadas e os socorros passaram a ser distribuidos numa maior escala, empregando-se os meios conhecidos.

"Uma coisa mais estranha ainda, "que é preciso constatar: se a ausencia da roda impede o abandono, a sua abertura deveria aumentar o numero desses abandonos e a sua supressão ao contrario diminui-lo".

Ora, Thulié cita algarismos minuciosos, extendendo-se de 1800 a 1877 e que provam exatamente o inverso. E aduz outros bem demonstrativos de que: "a diminuição dos abandonos não influe de maneira séria sobre a cifra dos crimes cometidos contra a infancia no departamento do Sena; o numero destes crimes ficou estacionario, desde 1868, enquanto as cifras dos abandonos diminuíram de metade".

No particular, meus senhores, o exemplo da Belgica é decisivo. Ali não ha "roda", não ha "escritorio de admissão", pois o enfeitamento é proibido. A mãe



é obrigada sempre, claro está que em certos casos com o auxilio do Estado, a criar o filho. Não o pode abandonar. Ha um infanticidio sobre 613.000 habitantes. Na França o abandono é facil, facilimo: ha um infanticidio sobre 316.000 habitantes. A percentagem é, como vêdes, dobrada.

Entre nós, cidade de habitos pacatos e patriarcaes, segundo dados colhidos no I. Nina Rodrigues, tem havido de 1927, para cá, 1 infanticidio por ano, tendo-se verificado 2 em 1926, o que dá uma media de mais de um para 350.000 habitantes. E entre nós ha a "roda" em pleno e franco funcionamento.

Mas, meus senhores, a prova maior, mais decisiva de que a "roda" não impede os infanticidios, está no fato da frequencia com que se encontravam nela cadaveres de criancinhas vitimas de taes atentados. Entre nós mesmo, ao que me consta, esse fato já se verificou, ha muitos anos passados.

Na França, nos tempos da "roda" era frequente.

"Foi isso aliás—escreve Thulié—o que motivou a vigilancia da "roda" numa certa epoca; não foi só o desejo de conhecer a mãe e o seu domicilio de socorro que fez postar agentes nos arredores dos asilos. Foram esses atentados repetidos, esses cadaveres muito frequentemente encontrados no instrumento de abandono, que levaram a Justiça a ter os olhos abertos sobre o Asilo depositario".

E explica ele: "A mãe que mata o filho é aquela que tem empenho em ocultar a sua gravidez; a que não deseja ser assistida por ninguem no parto; a que, para estar segura do segredo porá a mão ou o lençol na boca do menino ao nascer, para impedir que sejam ouvidos os seus primeiros vagidos. E esta, de



certo, não irá levar o filho ao asilo enquanto ele vive ainda, pois que poderiam vê-la passar e ouvir os gritos do pequeno. Ela deve retomar o seu trabalho imediatamente, para enganar a todo o mundo: e a "roda" ela irá levar um cadáver, cuidadosamente empacotado".

Creio, meus senhores, não ser preciso dizer-vos mais a tal respeito. Julgo o que aí fica bastante para vos convencer de que "a roda é impotente para impedir os males que toda a gente procura evitar". Resta-me mostrar-vos como, em compensação, "ela impede todo o bem que se pode fazer".

No libelo que vos prometi do lugubre instrumento, não quero arrolar a acusação feita por Lord Brougham, que a chamava a "caixa de desmoralização", por acreditar que ela incitava as moças á perdição, pela facilidade que oferecia ao desaparecimento das consequências, do fruto do pecado. A acusação não seria justa, pois como já alguém objetou, com acerto, "a moça leviana não pensa na "roda" no momento em que se entrega: somente depois da falta cometida é que tal ideia lhe poderá vir, mas como uma esperança de libertação". Além disso, considere-se que no escriptorio de admissão a facilidade do abandono é a mesma.

Tambem não quero levar em conta a acusação, cabível aliás, de que a roda falseia as indicações do registro civil, levando muitas vezes á inscrição, feita pelo Asilo depositario, um menino já pelos paes anteriormente registrado. No mesmo mal incorre o «escriptorio aberto» e a «roda» tem pecados bem maiores, para que nos detenhamos a apurar-lhe maleficios de pequena monta.



Mais digna de ponderação é a culpa referente ás duvidas que o sistema da «roda» levanta no espirito da mãe sobre a identidade do filho, quando, mais tarde, ela o pretende retomar. Quantos enganos lamentaveis, quantos dramas pungentes em taes duvidas originadas!

Mais grave, ainda, o entrave que ela traz á ação da justiça. Thulié estuda essa questão, mostrando como a «roda», em casos de infanticidio, leva muitas vezes á condenação uma inocente.

Mas, meus senhores, eu quero dar de barato todas essas acusações feitas á «roda».

Do ponto de vista, propriamente medico, que aqui me importa, elas não me interessam. Deixo-as aos moralistas, aos sociologos e aos juristas.

Para mim medico, puericultor, interessado pela vida da criança, o peccado mais grave da «roda», o seu delicto maior, o seu crime maximo, está na separação inevitavel que ela põe entre a criança e a mãe, bastando, para aquilatar das suas graves consequencias, meditar na assertiva profundamente verdadeira de Theofilo Russel: "Tudo o que afasta o menino da mãe coloca aquele em estado de sofrimento e em perigo de morte".

E a «roda» com a separação absoluta que impõe eleva ao extremo taes perigos. Dahi a mortalidade apavorante que por detraz dela ceifa os inocentinhos.

Eu já vos indiquei as estatisticas tremendas do nosso Asilo, até as reformas por que acabou de passar sob a nossa orientação. E vos disse ser a coisa a mesma para todas as partes onde havia a «roda».

Esse obituario das Rodas de Expostos tem, em todos os tempos, impressionado a quantos as estu-



daram e lhes observaram o funcionamento. Por isso Remacle a chamára "*maquina de supressão do Estado*"; Passy a considerava "*o esoadouro publico, a caixa do lixo*"; as irmãs de caridade, que lhe viam de perto, na França, os calamitosos efeitos, costumavam taxa-la de "*massacre dos innocentes*", "*caixa de infanticidios*", "*berço da morte*"; e até os seus partidarios não lhe poupavam designações significativas, taes Nicolas que aludindo a ela falava "*desse esgoto*" "*desse exutorio*", e o proprio Bronchard que a considerava "*um mal inherenté á civilização*".

Morquio escreveu, no seu excelente livro, que uma larga observação lhe permitia considerar o abandono da criança na "roda" como um verdadeiro infanticidio.

O grande mal dá «roda», meus senhores, está no seu silencio irremediavel, na mudez criminosa com que ela acolhe o pequenino que lhe trazem.

Nisso a sua inferioridade em face do moderno escritorio de admissão é simplesmente clamorosa.

Num e noutra, a mesma facilidade do enjeitamento: nenhuma dificuldade oposta, nenhuma restrição á liberdade inteira de abandonar.

Num e noutra, a mesma segura discreção, a mesma reserva, o mesmo rigor do segredo profissional.

Mas, no escritorio "aberto, a luz e uma voz humana capazes de tranquilizarem a mãe aflita e lhe tocarem a fibra do amor materno" sempre pronta a vibrar no coração feminino; na "roda", a treva, o silencio da noite, tão propicios á consecução de um crime e a indiferença e a mudez do cilindro ôco de madeira.

No "escritorio", com uma palavra de piedade e



de consolo, a oferta generosa dum socorro, a dadi-  
dum amparo que permite muitas vezes a mãe, con-  
fortada e confiante, o regresso com o filhinho; na  
“roda” a portinhola hante, escancarada, para tragar  
sem reparos, nem reservas, o pequenito.

No “escritorio”, ainda quando o socorro é rejei-  
tado e a deposição da criança não se evita, a faci-  
lidade concedida á mulher de continuar a se interessar  
pelo filho, de vir vê-lo sempre e, sem embaraços nem  
formalidades, retoma-lo quando entender; na “roda”  
a separação completa, absoluta, a supressão total dos  
direitos da mãe sobre o filho, e, sobretudo, a seques-  
tração dos direitos da criança ao seio e ao coração  
maternos, a condenação irremissível ao anonimato ou  
á morte.

Eu bem sei que alegam os estranhos ás coisas  
da medicina e, por isso mesmo, sem a obrigação de  
saberem o que vale, para o recém-nascido, como ga-  
rantia da vida, uma gota do leite materno, que os  
meninos entrados pela «roda» — e esquecem de acres-  
centar, os poucos que escapam — encontram por de-  
traz dela, no interior dos Asilos, um lar, uma verda-  
deira familia solícita e unida.

Eu bem sei que, pelo menos, no nosso Asilo  
assim o é. Os pequenitos entrados pela «roda» e  
que escapam á voragem da morte, se integram como  
proclamou certa vez o meu nobre amigo Dezembar-  
gador Newton de Lemos, a uma grande familia que  
tem na benemerita Santa Casa de Misericordia uma  
mãe tutelar e nele, no seu digno e incansavel Pro-  
vedor, um pai extremoso e desvelado.

Eu bem sei que assim é e não me canso de  
proclama-lo, louvando os esforços daquela instituição



em benefício dos pequeninos que ela recolhe e agasalha. E eu tenho sido, muitas vezes, testemunha dos desvelos e carinhos para com eles do seu Papai Provedor.

Mas, meus senhores, eu sei também que nada, absolutamente nada, existe capaz de equivaler aos carinhos e aos desvelos duma verdadeira mãe. Eu sei que não devemos esquecer a sentença profundamente verdadeira do eminente puericultor francês, que se lê inscrita em grande letras nas paredes de quasi todas as obras de puericultura da França: «O coração e o seio materno não têm substitutos».

E, pois, por esse grande crime de arranca-los, um e outro, ao direito sagrado da criança, que eu condeno a roda.

E foi em nome dessa sentença lapidar do grande puericultor gaulês, que, ao apresentar o plano de remodelação desse Asilo, eu reclamei, não a supressão da «roda», que eu propuz até se conservasse, em respeito aos escrupulos de consciencia dos dignos irmãos da Santa Casa, hesitantes deante do chamado «pacto» dessa veneranda instituição, mas sim a restrição dos seus maleficios, pela instalação ao seu lado de um «escritorio de admissão», aberto e secreto, tal se fez em Montevidéo e, aqui mesmo no Brasil, no culto e progressista S. Paulo.

Obtido o escritorio aberto, eu haveria de pleitear junto á Prefeitura, a ajuda de «socorro preventivo do abandono», tendo á esta altura, quasi a certeza de obte-la, tal a bôa vontade e a justa compreensão do problema, que o ilustrado e infatigavel prefeito atual, Dr. Pimenta da Cunha, revelou na visita feita, ha dias, áquela obra, a qual na sua ni-



tida visão de administrador arguto, logo reconheceu, segundo me afirmou, de caráter muito mais municipal que o Asilo de Mendicidade.

Infelizmente, meus senhores, a autoridade meramente de empréstimo, que me confere a cátedra de pediatria e puericultura na nossa velha Faculdade, não teve peso para vencer até hoje os escrúpulos dos dignos mesários da Santa Casa, sobretudo depois que, segundo me consta, certo senador da República, não médico é claro, mas engenheiro e político, lhes afirmou que «o Rio de Janeiro ainda conservava a «roda», porque esta era uma necessidade».

Pensei então de trazer, diretamente, ao conhecimento dos benemeritos irmãos da Santa Casa a opinião dos entendidos, das genuínas autoridades na matéria.

Dirigi-me em carta a vários puericultores eminentes, nacionais e estrangeiros, indagando do que pensavam sobre a «roda». Escrevi aos mais amigos, mas também aos mais de pról.

Algumas das minhas cartas ou as respostas, se extraviaram provavelmente, coisa nada de espantar por isso que essa troca de correspondência se fez poucos dias após a eclosão do movimento revolucionário, quando perturbados quasi todos os serviços do País. (\*) Muitas, entretanto, me chegaram.

(\*) Nota: As cartas destinadas a Alemanha, tenho razões para crer, nem chegaram a ser postas no correio pela pessoa que se ofereceu para encarregar-se delas. . . Do Brasil não me vieram algumas respostas respeitáveis e esperadas: as dos Profs. Olinto de Oliveira, Luiz Barbosa, Pinheiro Cintra, Raul Moreira e Alfredo de Magalhães. Extranhei, também, o silêncio do meu sábio amigo Prof. Araoz Alfaro de Buenos Aires, inclinando-me a acreditar num extravio da sua resposta, pois sei que a minha carta lhe foi entregue e lhe conheço de perto a fidalga diplomacia e a jamais desmentida gentileza.



Do Brasil só me respondeu o meu velho amigo, o abalizado puericultor paulista Dr. Clemente Ferreira. Da Argentina escreveu-me Velasco Blanca, o festejado pediatra que trabalha atualmente ali na Casa de Expostos. De Montevideo chegou-me a resposta do meu eminente amigo, o emerito chefe da notavel escola pediatrica uruguaia, o Prof. Luis Morquio, que é uma das maiores autoridades na materia. Da França tiveram a bondade de responder-me os sabios Nobe-court e Marfan, professores da Faculdade de Medicina de Paris.

Pois bem, meus senhores! Em todas essas respostas, que aqui estão, é inteiro e absoluto o acordo. Em todas elas, vindas de todas as partes, sem uma só voz discordante, a mesma condenação irremissivel á «roda».

Hei de dal-as a meditar aos dignos mesarios e irmãos da Santa Casa. E, como eu dizia aos meus alunos, expremindo-me quasi nas mesmas palavras por que vos estou falando, que eles procedam, então, como entenderem: suprimam a «roda» se quiserem ouvir as razões da ciencia e o parecer dos verdadeiramente doutos no assunto; procurem minorar-lhe os maleficios, se quiserem aceitar o meu alvitre da instalação paralela do «escritorio aberto»; conservem-na intacta, sosinha, com todos os seus horrores, se ainda temem de ferir um «pacto» que a razão repele, que o progresso rejeita e a ciencia hodierna condenou! De mim fico tranquilo. Varri a minha testada.

Já em lição de abertura de curso de pediatria aos doutorandos deste ano, lavrei o meu protesto e não poderia tel-o feito melhor do que perante aquela



pleiade brilhante de futuros medicos e puericultores brasileiros.

Agora aqui, deante do grande publico da Bahia; perante essa assistencia numerosa e seleta, a quem agradeço comovido a honra da atenção; em face desse magnifico pugilo de moças—formosa sementeira de brasileiros — mães do futuro, mestras d'amanhã; e, deante das altas autoridades do Estado, às quaes, nesta hora de renovação e de esperanças, estão confiados os destinos da nossa terra: a minha palavra, encerrando canhestamente esta memoravel “semana da criança”, se levanta num alto brado de protesto, e numa exortação á Bahia para que se reintegre nos foraes da sua cultura, mudando a orientação rotineira que vem seguindo na solução do triste problema!

E a minha voz, erguendo-se nos ambitos desta casa, onde se cultuam piedosamente as tradições gloriosas da antiga Atenas Brasileira, écoa como um brado de apelo aos corações e ás inteligencias dos que me ouvem, para que formem ao meu lado, nesta campanha pela salvação de centenas de pequeninos conterraneos, condenados, pela rotina, á truculencia da «reda», e em prol dos credits da Bahia progressista e culta!



## DISCURSO

*Pronunciado, a 11 de Agosto de 1931,  
na Casa da Bahia, pelo Dr. Alvaro de  
Carvalho, em comemoração do Terceiro  
aniversario da A. B. E. \**

O acontecimento que, hoje e aqui, se comemora é desses que se não limitam aos horizontes proximos de um simples facto social, anniversario de individualidade illustre ou de influente e vistosa collectividade.

A Associação Bahiana de Educação, no dia em que completa tres annos de existencia, não podia e não devia, pela força immanente de seus proprios destinos, assumir attitudes pessoaes de modestia ou collectivas de renuncia, esquivando-se ao registo publico de sua curta idade... Até a mulher, a quem os homens não se cansam de prestar a homenagem, fervorosa e assidua, de sua maledicencia, somente começa a soffrer da insomnia de tão grave preocupação depois dos 25 annos, os quaes, na murmuração, impenitente de costumada calumnia, só Deus sabe quanto tempo levam para chegar aos 29, onde os mezes e os dias se revestem daquella impressionante elasticidade dos saudosos tempos biblicos, para sempre passados...

---

\* Respeitada a ortografia do autor.



Commemorar a passagem do anniversario de sua fundação já é, para esta educativa Sociedade, estar cumprindo o seu programma, exercendo as suas funções; já é, por assim dizer, uma forma expontanea de prestação de contas, que a consciencia de suas responsabilidades periodicamente offerece á instinctiva syndicancia publica; uma especie de folha corrida, que a si mesma se impõe, em aboro dos intuitos que a crearam e da acção que desenvolve... E todo esse conjuncto de condições, outros tantos factores de ordem moral e social, bem corresponde e fortemente collabora na satisfação de sua finalidade educativa como uma symbolica e desfraldada bandeira que pulsos muito firmes de patriotas sustentam e a brisa romantica do Brasil condoreiramente beija e balança!

Faltam aqui, é claro, as notas propriamente alacres de uma festividade ao alcance e sabor de todos os paladares... E quem esperava se deliciar, nesta hora, na visão gulosa de irresistiveis iguarias ou nos tregeitos feiticeircs de dansas estrepitosas, ao som dos mais extravagantes ruidos que o bom-gosto artistico dos nossos tempos consente em chamar de musica -- quem tal, porventura, esperava deve estar passando por bem cruel decepção!

O estado primitivo da nossa educação ainda não é para expansões de ordem collectiva que só a exacta comprehensão das coisas comporta... Nessa rude phase da nossa existencia, educar ainda é catechisar, domar, não é vencer convencendo, mas convencer... vencendo pela tenacidade do ideal, pela renuncia ás commodidades pessoases, pela individual desambição, pelo desprezo até da propria vida, por um quase



fanatismo no devotamento patriótico, por uma altíssima noção do que verdadeiramente é o espirito de humanidade!

Este momento não é de alegrias francas e simples, como entre a profusão das flores, dos risos, das graças e dos cantos de um ruidoso anniversario domestico, sinceramente festejado... Para todos nós, que aqui estamos, e especialmente para vós outros, corajosos auctores desta benemerita aggremação, novos Anchietas deste novo Brasil, sempre renovado — a hora que passa não é para contentamentos faceis, antes para a meditação profunda!

A criação de uma sociedade, no genero desta, que hoje toda se revê na justa recompensa dos seus primeiros triumphos, tantos quantos lhe hão permitido os seus primeiros passos na vida, e se agita toda na contemplação da obra cyclopica que a aguarda e lhe está a desafiar os mais alevantados propositos e uma actividade positivamente “yankee” — uma associação como esta, que se propõe, no Brasil, e no momento singularmente historico que elle atravessa, a propagar, diffundir, vulgarizar, orientar em fim as directrizes da educação nacional nesta grande alma da Patria, que é a velha Bahia de todos os tempos, uma sociedade assim, como em verdade é a Associação Bahiana de Educação, fielmente traduz a expressão legitima do mais sadio, efficiente e nobre dos patriotismos!

Porque, senhores, “homens que assim se reúnem poderiam logo, neste nosso bem-amado paiz, ser suspeitados de constituir um syndicato, um partido ou uma philarmonica”!

Como, porem, nunca houve, neste mundo aspero,



prazeres completos ou perfeições immaculadas, este momento, que bem pudera ser de uma confortável harmonia no ambiente magnifico que o forma e certamente o immortalizará na consciencia de todos os bahianos conscientes — tambem deixa trahir a dissonancia de uma nota desafinada, de que aliás não sou culpado, mas de que já começa visivelmente a se arrepender a imprudencia manifesta de vossa confiante generosidade...

\*\*\*

A' semelhança do que acontece a tudo, neste como nos demaes planetas do nosso e dos outros systemas solares, tambem são biologicos os fundamentos da Educação.

Nada existe fóra da Biologic, que é a expressão mesma do conhecimento universal, desde o «turbi-lhão electronic» dos metaes até as mal-humoradas manchas do sol, da simplicidade aparente de um grão-de-areia á suprema complicação da creatura humana, a vida das estrellas e a vida dos microbios, a existencia theatral do estadista e a mais imperceptivel das poeiras athmosphericas!

E se ha, entre as coisas da vida, alguma umbellicamente ligada á placenta da biologia, será ella, sem duvida alguma, a educação!

Educar, como possa parecer á primeira vista, não é nenhuma invenção do homem, não é obra originariamente sua, mas a primeira lição que lhe dá a Natureza, na disposição incoercivel das leis biologicas e dos seus mais inapellaveis determinismos, uma intransigente constante physicochimica, a figurar, com



toda a justiça, entre as condições geraes da vida, ao lado do movimento, da temperatura, da luz, da electricidade, das irradiações, da pressão do ar, do oxygenio, da alimentação... E, nas suas especiaes intimidades com a familia biologica, no character de parente em 1.º gráo, tem sempre o seu talher á mesa, logar marcado e cartão impresso com o seu verdadeiro e conhecidissimo nome—phenomenos de adaptação.

Já passou do terreno das discussões o conceito de que *viver é adaptar-se*... Ora, adaptar-se é educar-se, logo *educar-se é viver!*

Da mesma forma que, para só empregar a significação social do termo, quem não se educa, isto é, quem não se adapta ás boas-maneiras, ao espirito-de-disciplina, ao respeito á liberdade, ao esforço de aprender pela clara comprehensão do seu alcance—quem assim não procede é forçado a desistir da convivencia civilizada dos homens e, portanto, condemnado *socialmente* a morrer... Assim tambem todo ser que se não adaptar ás imposições physico—quimicas do seu meio, isto é, que não se educar *biologicamente*—pode ir logo rezando pela merecida salvação de su'alma!

O individuo, que aprende a ler, está positivamente se educando, já que a instrucção é a linha mais recta da educação, embora nem sempre seja esta severa linha o caminho mais curto entre dois pontos... Muitas vezes, como já o observára o superior espirito de Fradique Mendes, o caminho mais curto entre dois pontos é (quem o diria?!) uma curva delirante... E esse mesmo individuo que, por exemplo, nasceu e se creou entre os frios muito ge-



lados e o céu muito branco da Islandia, tão querida de Pierre Loti, e passou a viver entre os calores lybicos do norte do Brasil, também está se submetendo a um processo educativo, ainda mais subtil e eficaz, á medida que o seu organismo insensivelmente se vae adaptando ás determinações biologicas do seu novo ambiente.

Educa-se o aviador no profundo saber de sua mecanica profissional e na resistencia physica e moral aos perigos sem conta do seu myster, enquanto também se lhe vae educando o organismo na sua indeclinavel adaptação ás grandes altitudes athmosphericas, assim se libertando das ameaças do chamado «mal das montanhas» ou, melhor, *doença das alturas*, graças ao sabido phenomeno da hypercythemia, que Viault tão beneditinamente esclareceu...

O invisivel e temidissimo germe do typho, por não aprender a dansar, a falar linguas, usar calças de bocca kilometrica, ou por desconhecer, em absoluto, todas as relatividades de Einstein—não deixa, por isso, de ser um moço «educado», porquanto, ao mudar de «habitat», transportando-se do seu natural ambiente, o civilizadissimo ambiente europeu, para vir também «fazer a America», se porta como um perfeito cavalheiro adaptando-se, o mais e melhor que lhe é biologicamente possivel, ás novas e inhospitas condições de vida, motivo unico, e perfeitamente desculpavel, porque elle não nos favorcece com uma infecção eberthiana... na integra!

Ora, bem pensando, uma só e mesma causa biologica deve levar o homem á ansiosa conquista de educação: em sociedade, para adquirir as armas com que se vence na luta pela vida; na natureza, para



que também não seja vencido em luta identica, e, mais feroz ainda! E esta causa é, só e unica, o muito nosso conhecido *instincto-de-conservação*, responsavel exclusivo de todos os actos da existencia, desde a nutrição até a moral, do mais medullar ao mais cerebral dos reflexos, esse empolgante e tyrannico instincto, sentido unico da vida, não somente no nosso planeta, mas em todas as nebulosas do Infinito, cuja grandeza a imaginação sempre alada de Flammarion procurou concretizar naquella visão classica do individuo cavalgando, garboso, um scintillante raio de luz, a 75 mil leguas por segundo, e assim eternamente, sem nunca parar, espantando a sua passagem, com a poeira estrellada dos céos, constellações prevenidas e radiosas...

Foi assim pensando que o illuminado Emerson formulou aquelle conceito memoravel: «A primeira condição do successo neste mundo é ser-se bom animal, e a primeira condição da prosperidade nacional é que a nação seja formada de bons animaes».

E', como se vê, um vigoroso brado-de-alarma em favor do mais basico dos processos educacionaes, a educação physica, a pratica regulada dos «sports», o contacto directo com a natureza, no banho-de-mar, no «tennis», na equitação ou no «golf», mas sempre o estimulo á actividade dos orgams, á pontualidade das funcções, á garantia da eliminação, a heliotherapia gratuita das nossas gloriosas manhãs tropicaes...

Realmente, tinha muita razão Confucio ao sentenciar «que o homem é uma creança nascida á meia-noite; quando vê o sol se erguer, crê, para logo, que o dia de ontem nunca existiu»... E só assim se explica tanto queixo cahido deante de tanta novidade



velha! Pois não é impressionante verificar-se que a nossa civilizadíssima gymnastica sueca, anatomica e physiologicamente systematizada por Ling, tem as suas raizes, de quasi cinco mil annos, plantadas na terra firme e phantastica da China, então celeste Imperio e hoje Republica infernal, onde uma corporação de curandeiros, os *Tao-Cheu*, aconselhava e praticava o emprego de «attitudes», «movimentos» e «diferentes especies de respirações», com intenções therapeuticas?!

Não ficam ahi, entretanto, as revelações do notavel missionario que foi, em fins do seculo XVIII, o padre Amiot, espirito observador e culto... Todas essas inacreditaveis indicações e praticas cinesitherapicas, sempre destinadas a «fortificar o corpo», constavam do *Koung-Fou*, que as representava em expressivos desenhos das diversas attitudes recommendadas, com informações correlatas, escriptas em verso, a fim de melhor decoradas pelos discipulos dos *Tao-Cheu* e intituladas o *Canto dos oito grandes trabalhos*... A titulo de curiosidade, para aqui transporto a traducção approximada de alguns delles, em seu estylo oriental, symbolico e vago como o proprio Oriente:

- a) Duas mãos levantadas, como se fossem para sustentar o céu—isto auxilia os tres *tsiáo*: esophago, estomago e intestino.
- b) Estender um braço depois do outro, á maneira de um homem que distende o arco para lançar a flecha sobre uma aguia—isto fortifica o figado e o pulmão.
- c) Manter os dois cotovellos junto ás axil-



las, fixos os pés e olhando para traz—isto vos evita os cinco catarrhos e as cinco feridas.

d) Fazer uma reverencia solenne, curvando os rins, como o tigre no momento de assaltar.

e) Suspender as espaduas e calcar o epigastro com as palmas das mãos—a digestão faz-se de repente... gotta a gotta (que é a velocidade maxima compativel com os languidos vagares orientaes.)

Nas Indias, conta-nos Weterwald que «em 1845 appareceu em Calculá um livro que provocou grande sensação. Era, publicado pelo Dr. Wise, uma compilação de extractos authenticos dos livros antigos de medicina hindú. (Commentary on the hindou system of medicine). Antes d'elle, sir W. Jones havia encontrado alguns fragmentos do quarto livro sagrado dos brahmanes, o *Atharva-Veda* contendo um tratado de medicina, o *Ayar-Veda*. Um outro tratado de origem divina, isto é, revelado como os outros, nos veio ás mãos, apparecido cerca de dez seculos atraz. Ahi se acha prescripto, entre outros exercicios, a *retenção respiratoria* contra a asthma, pratica que já vimos indicada no Koung-Fou, dos Táo-Cheu. Recentemente, um medico allemão, o Dr. Saenger, preconizava um processo de inspirações e expirações successivas, que apenas repetem as indicações dos methodos chinez e hindú.

«Negasthenes, historiador grego enviado em missão ás Indias no terceiro seculo antes de Christo, conta que «entre os brahmanes ha uma classe de



medicos que prescrevem, principalmente, a *dieta* e o *regimen*, depois *processos externos*, mantendo uma grande desconfiança sobre modos de tratamento mais poderosos... Esta é a razão porque se diz que elles se serviam de encantos ou feitiços para vir em auxilio da sua medicina».

As nossas «massagens» da actualidade, de tão alta e variada significação scientifica, já assim eram referidas em Plutarcho: «Cezar, para se curar das suas nevralgias, fazia-se *machucar*, diariamente, por seus escravos!» E o nosso conhecidissimo *champooing*, essa fricção saponosa que os barbeiros inglezes não dispensam, tambem se origina do *chamboning* hindú, «que é uma pressão doce, dirigida sempre das extremidades superiores do corpo e das partes superiores dos membros para as partes inferiores».

.....

Dentro ainda do conceito biologico da educação é que se tem de encarar, ao menos por analogia, o problema, entre todos transcendente, da *habitabilidade dos planetas*...

Não conseguindo fugir, nem mesmo por sua natureza tão fortemente scientifica, á incoercivel tendencia humana de tudo reduzir á condição mesquinha de partido, á rivalidade classica das philarmônicas da mesma aldeia, a ansiosa pergunta do muito illustre abbade Moreux — Serão os outros mundos habitados? — continúa á espera de resposta definitiva.

Para logo dois grandes partidos, ainda mais intolerantes que facções politicas do interior ou muito sensiveis subtilezas da Fé, se constituíram e até hoje



se degladiam entre «unicistas», com Mereux á frente, e pluralistas, chefiados por Schiaparelli e Lowel... Querem os primeiros, ainda com a bocca um tanto torta pelo antigo abuso do cachimbo geocentrico, que só a Terra offereça um ambiente biologico compativel com a vida em geral e, particularmente, com a vida humana! E, apesar de todo o seu incontestavel merito scientifico, recorrem, muitas vezes, a argumentos rigorosamente infantis, quando, por exemplo, comparando, raias espectraes em punho, as condições physico-chimicas da nossa athmosphera com a dos outros planetas da nossa prezada familia solar, incrivelmente concluem pela inhabitabilidade dos nossos irmãos em astronomia!!

Essa obsessão geocentrica, que já levou Galileu a mentir para não morrer, é, por sua vez, decorrente de outra idéa-fixa, o anthropocentrismo, que tanto faz estremecer os nervos equilibrados da philosophia scientifica! Aqui está, portanto, por esta larga e aberta porta do raciocinio, um forte motivo de educação pela sciencia, que, só ella, é capaz de nos levar a uma clara e exacta noção das coisas... O pé em que se encontra tão seductor problema continúa o mesmo de sempre:—São os outros mundos habitados? Sim ou não? Por emquanto... *nem sim, nem não!*

Se falta aos «unicistas» fundamento scientifico para concluirem negativamente, tambem os «pluralistas» não trazem a verdade no bolso, ainda que com quase todos os trunfos na mão... O ponto vulneravel dos geocentristas é, sobretudo, este:—limitar a noção da vida em geral, isto é, a noção cosmica da existencia aos curtos horizontes da nossa



vaidosa Terra, cada planeta devendo ser dotado das manifestações de vida que exactamente correspondam aos reflexos contingentes de suas respectivas circumstancias mesologicas... E o mais interessante é que, justamente dentro do nosso pretencioso planeta, é que fervilham os documentos desmoralizadores do unicismo, quando se observam os phenomenos de adaptação, essa maravilha, de instinctiva educação de seres, sejam animaes, vegetaes ou, mesmo, mineraes, toda vez que se deslocam de uma para outra zona geographica!

Como, porem, tudo neste mundo e, com certeza, tambem nos outros, não escapa á infallibilidade de um implacavel limite, ha casos em que esse poder biologico de adaptação ou a capacidade educativa do instincto se exgottam, confessando-se vencidos... Quem já viu um urso polar viver regaladamente, como em casa da sógra, ao lado dos camellos do deserto? Ou uma serpente «python» colleando, satisfeita da vida, nos «fjords» da Noruega? Muito louro canarinho da Allemanha gorgeiando feliz entre os seringaes do Amazonas? Carbonatos authenticos nas lamas do Sena? Tigres, de Bengala, ou mesmo sem esse civilizado appendice, devorando esquimós no gelado coração da Groelandia? Ao que nos conste, ninguem... até hoje á tarde, pelo menos.

Nessa mesma ordem de considerações, vem a preceito um outro fundamento biologico da educação, e que hoje desfructa tão expressiva unanimidade no espirito dos entendidos e no coração das creaturas: — a preocupação absorvente da Creança... Nesse terreno já surge, como um festejado sol de primavera, a educação sob diverso aspecto, o da educação



sanitaria, e este de natureza tão visceralmente instintiva que nem mesmo os cegos voluntarios se recusarão a enxergar nelle os motivos biologicos da sua propria razão-de-ser!

E' a defeza da saúde, esse feitio dominante do instinto-de-conservação, e que tem na concepção de uma outra vida toda a sua finalidade philosophica—que nos veio instintivamente educando para as systematizações da Hygiene e já fez Afranio Peixoto, de quem tanto se orgulha a Bahia, nos contar «a mais bella historia do mundo»... Ella é bem a idéa-fixa de todo espirito bem-ensinado, sobretudo quando é da creança a saúde de que se trata, justamente a phase biologica mais delicada e decisiva de evolução individual, onde os perigos mais ameaçam, embora mais faceis de correcção!

A eloquencia das palavras com que Felix Thomas abre o seu excellente livro—*A educação na familia* é documento precioso da oportunidade destes despretensiosos commentarios: «Emquanto tantos reinados se abatem, ha um que o seculo XIX viu nascer e cada vez mais se affirma:—o reinado da creança. Tudo parece conspirar em seu favor. São, a principio, os poetas, que pareciam have-la desdenhado, e que, hoje, fazem della o seu idolo... Os romancistas, seguindo os poetas, e com uma solitudine affectuosa e uma extranha delicadeza, todos se dedicam ao estudo da *alma obscura* da creança... E uns e outros nos têm ensinado mais a seu respeito do que, em todos os seculos passados, os doutos tratados dos mais doutos educadores»...

E para que haveis de vos educar, no corpo e no espirito, oh jovens que me ouvis? E trocar, sem de-



mora, a geral má-vontade de aprender pela rara ansiedade de saber? E supportar, olhos postos na luminosa Chanaan do ideal, as urzes classicas de um inevitavel caminho?

Para que, algum dia, não vos aconteça o que aconteceu áquelle rei asiatico, muito poderoso e muitissimo ignorante, como todo rei que, naquelles bons e finados tempos, digicamente se prezava... Contamos Malba Tahan, o privilegiado contista, que o todopoderoso e infeliz monarcha, sentindo-se ás portas da morte, chamou o seu secretario particular, creatura ladina e lettradissima, e lhe confessou o seu maior segredo, o segredo inconfessavel de passar á posteridade pela mão rutilante de uma phrase celebre, dessas que muita gente bôa leva a vida inteira compondo para expectorar no derradeiro e opportuno momento...

De facto, toda a encenação adrede preparada, a côrte toda em religiosa expectativa, as pennas avidas esperando sobre os pergaminhos impacientes, e o rei, arquejante nos seus ultimos arrancos, profere, com sobrehumano esforço, a phrase ensinada em dialecto extranho por seu esperto secretario, que assim lh'a havia traduzido em confidencia:—*Meus subditos, perdoae-me os erros porque só errei na intenção de acertar!*

Passa-se longo tempo, que foi pouco para os philologos da epoca decifrarem a charada da traducção, até que, um dia, quando menos se esperava, surge para o conhecimento embasbacado de toda-a-gente a solução pittoresca, que tambem é um dos mais fortes e expressivos castigos moraes, impostos á ôca fatuidade das creaturas humanas, .. A tal phrase cele-



bre, que o rei proferira no seu leito de morte e lhe houvera ensinado o «espírito pratico» do seu auxiliar de confiança, singelamente assim dizia: — *Deixo tudo o que possuo ao meu secretario!!!*

\* \* \*

Embora, como já foi exemplificado, não se tenha o direito de esperar tudo, integralmente tudo, do maravilhoso phenomeno de adaptação, ao que tanto equivale o instinto educativo da Natureza, ainda vedadas ao disforme chipanzê africano as delicias muito brancas do polo Norte ou, mesmo, do polo Sul—continuae, senhores da Associação Bahiana de Educação, envolvidos pelas benções de vossos nobilissimos propositos, no santo entusiasmo de tão patrioticas convicções, no devotado labor de vossas cultas intelligencias e vigilante acção em prol da grandeza crescente desta nossa Patria muito amada!

Não é preciso, com as minhas descoradas palavras, estimular-vos o forte animo na obra-de-Hercules que encetastes e tão resolutamente viudes enfrentando e vencendo... Se as conferencias, quase diarias, do Desarmamento universal, já um reflexo directo da perenne e reciproca desconfiança das nações, só têm servido para augmentar o numero de soldados, o poder mortifero das balas humanitarias ou o ironico aperfeiçoamento dos gazes asphyxiantes—nada disso, entretanto, impede que o invencivel instinto-de-conservação continúe a providenciar e com redobrado fervor, no sentido da humanização das guerras, que são, no mundo, um estado tão natural entre os homens como em cada organismo o processo phagocytario,



e tanto a biologia é synonymo de *luta-pela-vida* na encarniçada peleja que se travam hematozoarios e leucocytos quanto, por exemplo, a proxima guerra, inevitavel como todas as guerras, entre a Italia e a França ou entre os Estados-Unidos e o Japão pelo rosnadissimo osso das Philippinas...

Quando muito, os impetos naturaes de defesa, inherentes a todo ser vivo, poderão conseguir bastante, como em tanta coisa já o conseguiram, offerecendo-nos o spectaculo edificante dos mais surprehendedentes episodios, attitudes verdadeiramente dignas dos salões de Versailles em plena ferocidade de um campo-de-batalha, como, em verdade, foi aquelle factio historico, narrado por Joseph Reinach na sua «Historia illustrada de França», por Lahure na sua «Historia popular», e confirmado por Guizot, (á pg. 107, tomo 5.º) da sua completa «Historia de França», ao descrever o combate de Fontenoy entre inglezes e francezes: «Os dois corpos de exereito encontravam-se, emfim, frente a frente. Os officiaes inglezes cumprimentaram, tirando os chapéos. O conde de Chabannes e o duque de Biron, que se haviam adeantado, corresponderam á saudação. «Senhores das guardas francezas, atirae!» gritou lord Charles Hay. «Atirae, senhores inglezes, replicou logo o conde d'Auteroche, nós nunca atiramos em primeiro logar»!!

Seria incrivel... se não fosse verdade.

Seja como fôr, porem, conservae-vos fieis, senhores, á nobreza impar de vossa missão. Com o vosso alto saber e a vossa dedicação toda, continuae, e cada vez mais, a collaborar com a Natureza, nossa velha e incomparavel mestra de todos os tempos, na obra ingente e luminosa da Educação, particularmente



a nossa educação, com o que, e a um só tempo, estas sendo, na Bahia, apóstolos do Bem; no Brasil, benemeritos da Patria; no Mundo, fundadores da Humanidade.

Quando muito, os imperos naturaes de deusa-  
 inherentes a todo ser vivo, poderão conseguir pas-  
 tante, como em tanta coisa se o conseguiram, ofere-  
 cedam os o espectáculo edificante dos mais surpre-  
 hendentes episodios, atitudes verdadeiramente eg-  
 nas dos heroes de Terahelles em plena liberdade de  
 um campo de batalha, como, em verdade, foi aquella  
 parte historica, narrado por Joseph Lemach na sua  
 Historia illustrada de Franca, por Labate da sua  
 Historia popular, e continuado por Guizot, (a pg.  
 101, tom 2.) da sua completa Historia de Franca,  
 ao de-aver o combate de Fontenoy entre ingleses e  
 francezes. Os dois corpos de exercito saem em-  
 se e contra frente a frente. Os officiaes francezes cum-  
 pram o seu dever com a honra. O conde de Char-  
 levois e o duque de Fion, que se haviam abastado,  
 correspondem a saude. Senhores das guardas  
 francezas, e o conde de Fion, e o conde de Auteroche,  
 senhores ingleses, e o conde de Luttrell,  
 os seus officiaes em primeiro lugar.  
 Seria melhor, se nao fosse verdade  
 que como ha, podem conservar-se vos fideis, se-  
 nhores, a nobreza impar de vossa missao. Com o  
 vosso alto saber e a vossa dedicacao toda, continuae,  
 e cada vez mais, a collaborar com a Nação, a nossa  
 velha e reconhecivel instituicao de todos os tempos, na  
 obra magistral e luminosa da Educacao, participando



## EPISODIOS EDUCACIONAES

*Palestra realizada pelo DR. BERNAR-  
DINO DE SOUZA, na Sêde da Federação  
Nacional das Sociedades de Educação, no  
Rio de Janeiro, em Setembro de 1931.*

Na tarde da vida que se me vai avizinhando, o sentimento não raro me domina a energia da vontade: assim foi que na vossa ultima reunião, quando elevado á honraria de ladear nesta mesa os nossos preclaros presidente e vice-presidente, era de meu dever elementar agradecer a distinção que tanto exalçou a minha modestia de seareiro das pugnas da educação nacional. Não o fiz, não o pude fazer. E' que uma grande saudade me embargou a voz ao primeiro contato com os velhos companheiros de lavragem. Da arvore frondosa, á cuja sombra magnanima sempre me abriguei, faltava um ramo vigoroso e bemfazejo — Vicente Licinio Cardoso. Já o havia sentido para todo o sempre mureho sob uma lousa fria na mansão sagrada de eterno silencio e já me havia enfeitado a tristeza com as flores de minha amizade fraternal e da minha profunda admiração. Nessa romaria do sentimento acompanhou-me um dos ilustres companheiros, aquele mesmo que, em 5 paginas de um opusculo-coração, fez a historia de uma



amizado com o calamo de uma saudade. Fi-lo testemunha do meu preito de irmão pela alma: hoje designado para falar-vos pelo eminente presidente desta Federação, filha de seu grande espirito associativo e patriótico, quero fazer-vos testemunhas dos meus preitos de professor e brasileiro ao inolvidavel creator de realizações benemeritas como esta...

Não lhe quero fazer a biografia: no tacito respeito das consciencias honestas, não anoitecerá a sua memoria justamente havida como a de um abnegado e de um puro. Apenas o registo nos anaes desta sociedade do meu grande sentimento por ter tombado uma das columnas daquelas que se não lavram facilmente, da mais alta, da mais immediata campanha pela salvação do Brasil — a da educação adequada dos brasileiros, porque só isso, lhe dará energia ativa e ampla para o desenvolvimento das suas energias naturaes.

Já agora não o pranteemos mais: «presente... no coração de todos nós, presente... no cerebro de todos nós», façamos de seu nome estandarte do nosso apostolado civico e de seus exemplos outros tantos estimulos para cerrar fileiras para a frente, animados do mesmo fervor e da mesma nobreza de intenções, que foram o apanagio soberbo de sua vida de intensa e clara brasilidade.

Façamos mais: porque se assim o foi e se respeitamos extremecida e verazmente a sua memoria de raro apostolo numa época de tanto egoismo trepidante, façamos de seu nome a bandeira branca de reconciliação entre todos os que combatem a mesma batalha, de sua memoria o signo da aliança de todos os grupos, de todos os conceitos, em prol da causa



comum, de que ele era, sem duvida, nestes ultimos anos e sob estes céos de cruzeiro, a mais impressionante e pura figura de evangelizador. Deixo nesta casa esta idéa: conheci de sobejo a altura moral de seu carater sereno e reto, e penso render-lhe assim a mais significativa homenagem de amigo fraternal e de adepto decidido.

A minha presença nesta maravilhosa cidade que tanto nos retempera ao calor do pensamento, dos largos futuros do Brasil, tem a sua origem nos acontecimentos politicos que tanto agitam a nossa Patria, sobresaltando não raras vezes alma e espirito dos bons brasileiros. Seis menses atrás, atendendo ao apelo de um grande e querido amigo, entrei nos conselhos do governo da Bahia: não podia recusar á minha terra os serviços que se me exigiam, pois não é de meu feitió moral fugir aos postos de sacrificio. Penso que é dever de todo o brasileiro no momento perigoso que vivemos não recusar a sua colaboração á obra de reajustamento da vida politica do país. Estamos, meus eminentes confrades, numa encruzilhada decisiva para o nosso futuro e a cada um de nós compete, na medida de suas possibilidades, em mais ou menos vasto sector, dar o maximo de suas energias para a salvação nacional. Da minha parte já contribui com o que pude que foi um nada: mas cumpri serenamente o meu dever de cidadão e de brasileiro. Trabalhei intensamente durante seis menses quasi nos amplos sectores de uma secretaria que presidia á justiça, á instrucção e á saude pu-



blica. Felizmente os fados permitiram que o egresso da cathedra voltasse ás suas fainas queridas. E conto nunca mais deixa-las, porque das regiões do poder não trago saudades.

Não se ha mister ser profundo sabedor da historia das revoluções para estimar-se o sacrificio dos que são arrastados na voragem. Eu a vi de perto tão só para cumprir o meu dever de brasileiro.

Tudo isso vem em abono das excusas que vos rogo pelo desalinho desta modestissima palestra a que se não póde recusar o meu espirito de confrade obediente.

Longe de meus livros, de minhas notas, do meu parcissimo armazem de assumtos nacionaes, em verdade nada vos posso dizer de relevo na vasta esfera das vossas locubrações. Daí transformar a minha fala em rapido noticiario de alguns ultimos atos que, na Bahia, entendem com os assumtos da educação e da instrução.

#### ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE EDUCAÇÃO

Tais são por exemplo as atividades da «Associação Bahiana de Educação», filiada a esta prestantissima Federação. Façamos-lhe as contas de ligeiro. Tive a fortuna de na qualidade de Secretario do Interior promover e referendar o decreto que a considerou de utilidade publica, precedido de *considerandos* em que mostrava que ella era das que mais se esmeram e porfiam em cumprir o preceituario que nos impõe esta Federação.

Neste ano foi organizada uma serie de conferencias feitas por varios luminares da instrução na



Bahia, já havendo realizado interessantíssimas palestras os Drs. Alfredo Brito, devotado Diretor da Higiene Escolar da Bahia, Rodrigues Doria, catedrático das duas Faculdades de Medicina e de Direito e Americo Simas, lente da Escola Politécnica e da Escola de Belas Artes.

Tive a honra de na qualidade de Secretário da Instrução presidir as que realizou o Dr. Alfredo Brito, que brilhantemente dissertou numa delas em torno do respeito que devemos manter para com a individualidade da criança, tese esta que o grande Angelo Patri, um dos luzeiros da pedagogia contemporânea tanto exalçou e que, em verdade, deve ser como ele disse — a regra apaixonada das atividades do mestre. Não me esqueço daquela frase de Emerson — «o segredo da educação consiste em respeitar o aluno».

Graças às sugestões da mesma associação feitas ao Governo, e graças á iniciativa do Dr. Alfredo Brito, foram fundadas as duas primeiras escolas ao ar livre, embora modestas, para crianças de ambos diferentes distritos escolares da cidade do Salvador. Pena foi que as aperturas financeiras em que se debate a Bahia não me permitissem edificá-las sobre mais rijos fundamentos, amplificando-as em maiores espaços.

Tendo em vista a proxima reunião nesta Capital de uma Conferencia de Educação que promete largos resultados ante os termos de sua convocação, o Governo do Estado nomeou tres dos mais dedicados de seus membros para reunirem os elementos indispensaveis a que a Bahia compareça ao promissor cer-



tamen com bastantes credenciaes para ser ouvida. Assim foram indicados os Drs. Isaias Alves, que acaba de chegar da America do Norte, após um ano de estudo dos problemas educacionaes, Arquimedes Peireira Guimarães, atual e devotado Diretor da Instrução Publica do Estado, bastantemente conhecido de todos vós e Joaquim de Faria Góes, uma das nossas vocações mais decididas para as questões pedagogicas e que atualmente serve de elemento de ligação entre o Estado e o Ministerio da Educação, em tão bôa hora creado pelo Governo Provisorio da Republica. Da representação bahiana fazia parte o nosso Anisio Teixeira, uma das mais seguras capacidades em materias pedagogicas do Brasil atual. Acrescente-se a estas atividades a publicação da sua «Revista», algumas paginas a mais na promissora bibliografia educacional do Brasil. Para mim é este um dos aspetos mais alentadores de toda a cruzada em prol da educação. A multiplicidade de livros e revistas referentes á magna causa, encarando-a sob suas diferentes formas, -- versando abundantemente quer a educação intellectual, quer a civica ou moral, pugnando pela boa formação do espirito ou do carater, tudo isso, meus generosos ouvintes, é um mundo de esperanças que se abre á visão dos bons brasileiros que se devotaram do Pará ao Rio Grande ao serviço de um Brasil maior no espirito e melhor no coração. Sabem todos que no variavel e confuso credo social e moral dos dias que passam, é artigo primordial o da urgente necessidade da educação: só ella poderá ser a couraça inquebravel que nos abroquelará o futuro na concorrência universal e sobretudo contra as forças de dissolução que vão trabalhando in-



cessantemente o mundo contemporaneo. Consideremo-lo uma nova religião santa e necessaria que obriga os que nela professam, por votos muito estreitos, a servir á sociedade sem cambio tilintante.

#### FACULDADE DE DIREITO

Não quero deixar de vos dar conhecimento de um marco miliario na historia da instrução bahiana: a inauguração de uma nova séde para a Faculdade de Direito da Bahia que se realizou em 15 de Abril proximo passado.

Foi mais uma vitoria do espirito de cooperação de que tenho sido na Bahia um dos mais esforçados propugnadores.

Aqui vos deixo a fotografia do mesmo.

Construimo-lo á custa de donativos publicos e particulares em menos de dous anos. Realizamos a mesma campanha que deu, anos antes, em resultado o edificio do nosso Instituto Geografico e Historico, cognominado a «Casa da Bahia», onde conservamos ilesas as memorias da Patria. Após apelar para os bahianos e para os juristas de todo o Brasil, muitos dos quaes responderam sem demora com as dadivas de sua generosidade, repeti pelo interior de meu estado a cruzada de 1922, isto é, andei a realizar conferencias e festivaes civicos, nos quais tomava parte toda a minha familia. Era a segunda vez que ia dizer ás gentes do sertão o dever de todos nós de cooperarmos pela grandeza da terra comum. Pagavami-me as canceiras e fadigas e até os riscos de viagens



inclementes, mais do que os resultados materiaes, os prazeres de uma propaganda civica nos sertões longinquos da Bahia, trabalhando desinteressadamente pelo renome de minha terra. Para esta vitoria nenhum sacrificio poupei: nem de tempo, nem de trabalho, nem de lucros, nem sequer de saude.

Sou dos que pensam que a «Escola» deve ter decencia material: exige-o a propria dignidade da ciencia. Não compreendo escolas instaladas em definitivo em pardieiros ou casebres; uma escola materialmente decente é mais disciplinadora, é mais educadora e se torna forçosamente ambiente mais propicio ao estudo, ás locubrações intellectuaes — ao respeito da propria ciencia.

Como quer que seja, vencemos a segunda campanha construtora de edificios condignos do nome da Bahia e do Brasil; são obras que chegadas ao suspirado termo pagam o seu dispendio com lucros de milhões por um. Constituem ademais belos exemplos dos valores da cooperação que devem ser imitados em toda a vastidão nacional. Sou partidario de que devemos organizar as iniciativas individuaes em prol de realizações semelhantes: — tudo esperar dos governos ou cruzar os braços ante os óbices que de monte a monte surgem em emprezas que tais, não é digno de uma democracia que para viver bem tem que se basear na propria capacidade dos seus filhos. A Bahia tem sido neste particular pioneira.

Leio-vos agora a inscrição que eu mesmo redigi para a sua pedrã inaugural:

«Bahianos devotados, brasileiros generosos e homens de bôa vontade levantaram esta Faculdade para honra da cultura nacional e renome da Bahia. Exem-



plo edificante dos valores da cooperação, esta Escola é um monumento que atestará pelos anos afora os brios da geração que o construiu, numa esplendida dedicação á ciencia e á grandeza do Brasil e da Bahia. As gerações vindouras terão aqui magnífica e permanente lição de energia e de perseverança e aprenderão ao lado do «Direito» o mais belo dos mandamentos de uma democracia—o de servir desinteressadamente á Patria.

1929—1930

### REFORMA DO ENSINO

Não descabe aqui, meus bondosos confrades, falar-vos de alguns pontos da ultima Reforma do Ensino que, em suas linhas geraes, merece aplauso de de todos os que se interessam pelos problemas do ensino secundario e superior da Republica. Se penetramos porem no amago de seus dispositivos, surgem de logo alguns pontos que estão a exigir uma urgente reconsideração. Cinjo-me aqui aos assuntos que mais de perto me interessam as atividades de professor.

No curso juridico não sei como se possa justificar a supressão do curso de bacharelato do estudo do Direito Privado Internacional. Já o eminente Haroldo Valadão e o grande mestre que é Rodrigo Octavio se insurgiram em veementes dissertações contra a referida falha, verdadeiro retrocesso no ensino do Direito, dado o relevo crescente que tem nos dias que correm o Direito Privado Internacional. Em verdade, isto representa sensível singularidade na organização do ensino do Direito no mundo civilizado.



Não sei de faculdades jurídicas que hoje não coloquem entre as cadeiras obrigatórias do curso comum para juizes, advogados, diplomatas, juristas em suma, a da referida ciência que é, no dizer de um sabio professor, a fase humana da jurisprudencia. Entre nós impõe-se dia sobre dia o seu estudo autonomo, mercê do notavel incremento das relações economicas do Brasil com os outros povos e dos interesses mais sagrados do milhão a mais de estrangeiros que nos vieram trazer o beneficio de suas atividades produtivas.

Não votaria tambem pela supressão da cadeira de Direito Romano. Para mim ele é e continuará a ser a porta de entrada do estudo de todo o Direito, nem compreendo bacharel em ciencias juridicas sem o conhecimento das linhas geraes da formidavel construção juridica que o apressado ceifar dos tempos não apagará entre os melhores laureis da portentosa civilização, da qual descendemos em linha reta.

No curso secundario ha muito que respigar no que tange com a seriação das materias. Até hoje não compreendo como se possa ensinar frutiferamente Historia Universal ou Historia da Civilização no 1.º ano, quando os alunos ainda não estudaram Geografia. Já dizia Eliseu Reclus: pôde-se estudar Geografia sem Historia, porem não se pôde estudar Historia sem Geografia. Não é de mister grande dissertação para se ver que é inteiramente impossivel ministrar-se o ensino da Historia, tal como hoje se entende, sem a base geografica. Quantos acontecimentos, quantas tendencias de civilizações, quantas variantes na vida dos povos só se podem explicar á luz das condições geograficas do país que lhes serve



de teatro? E' ditado irrefragavel de todos os mestres contemporaneos o de que a Geografia é um dos olhos da Historia, sobretudo da Historia-explicação, da Historia raciocinada, da Historia que não seja apenas uma narrativa enfadonha de datas e de homens.

Como compreender-se a trama da civilização marinheira da Fenicia, senão á luz da estreiteza da terra das palmeiras e os abrigos seguros de suas costas retalhadas?

Como entender a civilização faraonica que medrou em meio de um deserto que o sol todo ano ascende e abraza, senão subordinada toda ela ao hieratico Nilo que engrossa e fertiliza periodicamente a fita molhada do seu vale?

Como penetrar os meandros da civilização britanica senão ao espelho de seus mares azulados?

E que dizer da influencia dos ares de todo o ambiente nos destinos das nacionalidades? Todo o mundo que estuda sabe que diferenca de alma e de espirito entre os povos que vivem nas terras altas e empoladas e os que habitam as planicies desdobradas por leguas, entre os habitantes das zonas mais ou menos afastadas da equinoxial ou dos extremos do planeta, entre os filhos de beira mar e os de terra a dentro.

Sinceramente não logro descobrir as razões que determinaram semelhante distribuição.

Aqui me certo. Bem vistes que a minha palestra ficou muito aquém dos vossos brilhos e dos meus desejos. Forçado das instancias do tempo só a fiz porque tenho nesta casa as bastantes credenciaes do



vosso largo coração. Mínimo entre os que suam na cruzada educacional brasileira, eu vos reitero a permanência da minha modesta solidariedade nos labores que nos abraçam.

Não quero perder este lance para agradecer-vos mais uma vez as prendas da generosa acolhida que me destes em vosso seio e, com todas as veras d'alma, eu vos asseguro que a ouro e fio se igualam as vossas derramadas finezas e o meu profundo reconhecimento.



## SEMANA DA CRIANÇA

## DIA DO LACTENTE

*Palestra realizada na Escola Normal  
pelo dr. Alvaro Bahia.*

*Exmo. Snr. Dr. Diretor da Instrução Publica.*

*Exmo. Snr. Dr. Diretor e Srs. Professores desta  
Escola.*

*Exmas. Senhoras.*

*Meus Senhores:*

A inclusão do meu humilde nome entre os oradores que se fariam ouvidos na comemoração da «Semana da Criança», a despeito das objeções mais razoaveis por mim apresentadas para deliberação em contrario, que não vingaram por força de ordens amigas, a exigirem de mim o cumprimento dessa tarefa, sob argumento irrecorrivel, a motivos outros não obedece senão ao dever de colaborar na propaganda da causa nobre e patriótica a cuja bandeira me filiei desde os primeiros dias da minha profissão de medico.

Assentado, pois, que usaria da palavra neste certame, assentei tambem, de mim para comigo mesmo, que o faria de maneira simples e despretençiosa, sem veleidades de conferencia para doutos e informados das coisas de puericultura, até porque,



se assim fôra, a tanto não se abalançaria a minha inopia, que de sobejo sabe medir-se e ponderar-se; mas, ao revez, como se me afigura convir aos motivos de propaganda visados pelos que pensaram e organizaram esse preito louvabilissimo em homenagem ao que de mais santo possa interessar á humanidade em todos os tempos: a criança, «esse pequenino sêr que apenas nascido reproduz, nas suas diversas partes, a miniatura do homem; esse sêr delicado e fragil, que representa o anel de conjugação entre as gerações atuaes e as gerações futuras; esse pequenino complexo de orgãos e funções em embrião, que pelo pranto interpreta o proprio sofrimento e os proprios desejos e que dentro em breve saberá recompensar os amorosos cuidados maternos esboçando no rosto o doce sorriso»... e que mais tarde, com a gracilidade dos seus encantos e a candura e feitiços da sua idade provará o lar, tornando-o feliz e alacre... e amanhã será o homem do porvir, talvez dirigente dos destinos da patria, quicã cerebração poderosa que marque uma epoca na historia de um povo ou de uma raça...

O tema que me coube por sorte envolve infelizmente dolorosa verdade, cujo alcance talvez jamais tenha sido por vós bastante meditado: *Milhares de crianças morrem entre zero e um anno, as mais das vezes pela falta de observancia dos mais rudimentares preceitos de puericultura.*

Por mais impressionante que se vos afigure a sentença-objecto desta tese, é, comtudo, verdade esmagadora, irretorquível, fixada por calculos bem cuidados e graficos esrupulosamente organizados.

Posto que o anunciado vise focalizar o que



ocorre em nosso meio, a noção é a mesma de referencia a todos as partes do mundo, com variantes para meos nos países civilizados e cuidadosos do problema da infancia, ou para mais nos que se descuram do grande problema, entre os quais tem o nosso a desventura de figurar e no grupo dos que fornecem maior copia de mortalidade.

Tomemos ao acaso alguns dados collidos das estatisticas de países estrangeiros, do nosso continente e do continente europeu, emprestados aos serviços officiais ou a autores acatados e por conseguinte merecedores de toda fé.

Façamo-lo sem demasiada minudencia de algarismos, para que se não fatigue em excesso a vossa atenção, mas de geito que vos inteire sufficientemente de como é exata a assertiva que me proponho documentar. Dividamos os dados estatisticos por dois grupos de cidades: as de grande e as de pequena mortalidade, com a explicação previa de que os algarismos que se seguem representam os coeficientes de mortalidade, ou seja o numero de obitos abaixo de 1 anno, em um ano civil e divididos por mil recém-nascidos. A esses aduzirei, em ligeiras referencias, os da nati-mortalidade, com o objetivo de melhor impressionar os vossos espiritos acerca da importancia que deve merecer o problema da proteção á infancia, á vista da gravidade que certo esses dados todos desdobrarão aos vossos olhos.

Mas comecemos pela ordem inversa, isto é, pela nati-mortalidade, o que me parece mais metodico, e sigamos a mesma ideia lembrada dos dois grupos referidos. Para isso socorro-me do material contido no trabalho apresentado ao 5.º Congresso Brasileiro



de Higiene, pelos meus ilustres colegas Drs. Alvaro Rocha e Dionisio Pereira, acerca da nati-mortalidade infantil na Bahia.

No primeiro grupo figuram, em ordem decrescente: Madrid com 70.76; Bogotá—58.09; Paris—57.13; Bruxelas — 45.77; Filadelfia — 46.67; Roma — 43.59; Santiago—42.40; Assunção—42.67. E no segundo grupo: Berlim com 39.60; Budapest—37.48; Haia — 35.84; S. Francisco — 31.62 e Estocolmo — 25.69.

Confrontemos, agora, o que se desenrola no Brasil, comparando as cifras de algumas das suas capitais: Rio de Janeiro—69.68; Belo--Horizonte—86.25; Niteroi—82.79; Fortaleza — 108.16; Belém — 129.37; Maceió — 130.99; Manaus — 135.36; S. Luiz—150.19; Bahia — 166.92. Relevemos, propositadamente, São Paulo, com o coeficiente invejavel de 55.66.

Imagino o espanto vosso em face desses Algarismos verdadeiramente contristadores e á vista do cotejo realmente apavorante e vergonhoso para nós, tão flagrante, que dispensa quaisquer comentarios a esse respeito.

Mais tarde, no correr deste trabalho cuja leitura me dais a honra de escutar, apreendereis as causas e motivos de tal disparidade.

Prosigamos o nosso escopo e estudemos a segunda parte, valendo-nos dos elementos colhidos em algumas daquelas mesmas cidades e em outras cujos Algarismos possam melhor impressionar. Mas, ao en-vês de assinalarmos apenas a porcentagem de um ano, preferamos citar a de um decenio, o que permitirá apreciar a modificação impressa no curso desse periodo e contribuirá para o esclarecimento dos pon-



tos de vista que encararei posteriormente. Assim, com o fito de não alargar demasiado as citações dessas cifras, o que de resto não lograria proveito, pois não vos seria possível retê-las todas, se mencionadas ano a ano, referirei apenas as do início e final desse período, desprezando as frações, ou sejam as relativas aos anos de 1918 e 1928.

Isto posto, examinemo-las.

	1918	1928
Madrid . . . . .	183	118
Colonia . . . . .	163	89
Bruxelas . . . . .	124	66
Berlim. . . . .	141	78
Oslo . . . . .	130	32
Hamburgo . . . . .	110	77
Boston . . . . .	115	77
Paris . . . . .	123	97
Antuerpia . . . . .	118	80
Clevelandia . . . . .	98	59
Buenos Aires . . . . .	92	72
Nova-York . . . . .	91	65

A análise ligeira destes algarismos mostra como se fez sensível em um decênio o decrescimo da mortalidade infantil em algumas cidades, alcançando modificações de cincoenta por cento e até mais. E essa alteração, convém frisado insistentemente, é o resultado das generosas campanhas contra a mortalidade realizadas por aqueles países.

Completando a resumida estatística de que me ocupo, com o intuito unico de vos dar uma ideia acerca do assunto, vejamos o que se refere a alguns estados do Brasil e particularmente á Bahia. E



para tanto, valho-me ainda dos informes do trabalho dos meus prezados colegas referidos. Vereis, ainda uma vez, o pesado e ingrato tributo pago pelas nossas crianças no primeiro ano de existencia.

Na cidade do Rio de Janeiro, num periodo de 35 anos, oscilou a mortalidade entre 136 e 229 por mil. Em S. Paulo, num periodo de 18 anos, entre 222 e 151. Em outras capitais, nas quaes a estimetria é feita apenas sobre o ano, o de 1928, encontramos o que se segue: Belém—213.29; S. Luiz - 201.99; Fortaleza—165.32; Curitiba—170.84; Belo—Horizonte—191.84.

A proposito, comentam judiciosamente os referidos autores do trabalho mencionado:

«Só a deficiência do registro civil, em contraste com os rigores da verificação de obitos, poderá justificar coeficientes tão elevados; fossem eles expressão de dolorosa realidade e as cidades de Fortaleza e Maceió estariam fatalmente condenadas a desaparecer rapidamente.»

De fato, a inobservancia do registro civil, a despeito de propaganda intensiva que se faz, é uma falta de que se resente não só a Bahia senão todos os Estados brasileiros, e até a propria capital do país. Ha uma certa má vontade inexplicavel no cumprimento dessa obrigação, a qual não corre somente por conta da ignorancia, pois a muita gente bôa tem cabido a mesma censura pelo desleixo condenavel de protelar o registro dos filhos.

---

Estou a adivinhar que pende dos vossos labios a



pergunta: E de que morrem tantas crianças em tenra idade?

Preliminarmente, fique esclarecido que me ocupo da mortalidade na primeira infancia, isto é, de 0 a 2 anos.

Nesse periodo é a criança chamada de lactente, por isso que o leite é seu alimento predominante, e no curso do primeiro mês, considerada recém-nascido.

Desde os primeiros momentos em que se põe em contato com o mundo, com o meio ambiente, o fragil rebento humano corre os mais variados perigos de vida. Urge resguarda-lo contra as modificações de temperatura, contra as contaminações de ordem varia, a que o seu organismozinho tenro, virgem e indefeso mal poderá opôr as resistencias naturais, ainda tão mal arregimentadas.

E' velha e certa esta noção: quanto mais tenra a criança tanto mais periga a sua vida. Provam-no as percentuais de mortalidade no curso do primeiro mês, comparativamente ás das outras idades infantis, assim como, nesse estadio da existência preponderam as da primeira semana.

«O momento mais perigoso para a vida do menino é o primeiro mês e dentro do primeiro mês a primeira semana». (Morquio).

Sem a preocupação do metodo expositivo, nem a de ser minucioso, o que aliás pouco importaria aos fins desta palestra, e pondo á margem as causas de morti-natalidade, aludirei de modo perfuntorio ás principais doenças responsaveis pela hecatombe de meninos nessa idade, de maneira que possais ter uma ideia acerca da importancia do objeto que nos prende.



Lamento sejais obrigados a escutar as tristezas de que vos hei de falar, d'agora por deante; mas o assunto a que me devo ater não comporta outro modo de explanação.

As causas responsaveis pela letalidade infantil são varias. Comtudo, a patologia da 1.<sup>a</sup> infancia oferece particularidades proprias a essa idade.

A debilidade congenita, isto é, o estado particular de inferioridade fisica, de fragilidade em que a criancinha aporta ao mundo, ocupa o primeiro plano. O debil nasce sempre com o peso inferior á cifra que se convencionou considerar normal para o recém-nascido, ou seja a media de tres mil a tres mil e quinhentas gramas. Todo recém-nascido que estiver muito aquem desta cifra, abaixo de duas mil e quinhentas gramas, pode ser considerado um debil, com um organismo inacabado para enfrentar a luta pela existencia.

Imaginae agora que existem crianças cujo peso ao nascer é de mil e quinhentas gramas, mil e duzentas e até menos, que deixam mais a impressão de «filho de passarinho», do que de gente, na frase curiosa de um companheiro de serviço, e tereis ideia dos cuidados especializados que a esses entesinhos se devem dispensar.

Em seguida, veem as malformações congenitas diversas, tais como afecções do coração, os beiços de lebre e a guela de lobo, e outras de maior porte, representadas pelas monstruosidades incompativeis com a vida.

O tetano, mal de sete dias ou mal de umbigo, como é conhecido vulgarmente, constitue elevado fator de mortalidade do recém-nato. Doença gravis-



sima, terrível, porque se não contenta em roubar a vida á sua vitima, mas se compraz em maltrata-la dias a fio, atinge a coeficiente elevado em nosso meio. E', entretanto, um oprobrio aos nossos presumidos fóros de gente civilizada, por isso que pode ser facilmente evitavel, a depender somente de cuidados higienicos, de asseio, diga-se assim, para a ferida umbilical nos primeiros dias de vida.

Ao lado do tetano figuram a erisipela, que, via de regra, entra pela mesma porta preferida pelo microbio do tetano, ou seja a ferida que resulta da secção do cordão umbilical, e as septicemias, isto é, as infecções generalizadas, mercê dos germens que se lançam na torrente circulatoria e impregnam todo o organismo das toxinas ou venenos que elaboram. Esses germens invadem quasi sempre o organismo graças ás erosões e as infecções da pele do bébé cuja fragilidade, de par com a permeabilidade do seu sistema limfatico, não sabe opôr barreiras ás violencias de tão perigosos elementos morbidos.

Dois outros fatores respondem pela plurimortalidade infantil: a sífile e a tuberculose. Ambas avultam nas estatisticas.

A sífile, que já é a maior responsavel pela nati-mortalidade e pelos abortos, gera seres debéis, dotados de fragilidade fisica sob diversos aspetos, muitas vêses intoxicados de maneira tal, que não podem virgar e sucumbem num prazo mais ou menos longo...

Pode manifestar-se logo aos primeiros dias, ou mais tarde, quando a criança tem todas as apparencias de sadia, ás vezes por surtos violentos e ines-



perados, que, se não ocasionam a morte, marcam a existencia com inferioridade fisica ou mental.

A tuberculose corre parrelhas com esta ultima. Posto que excepcional na sua modalidade congenita e rara no curso do primeiro mês, é entretanto uma das causas mais frequentes da letalidade na primeira infancia.

Por mais absurdo que pareça essa afirmação, envolve uma verdade incontestavel, que desejo acentuada, porquanto sei das duvidas que pairam no espirito das pessoas leigas relativamente á verificacão dessa doenca na criança, na presunção de que é apanagio da idade adulta.

No Ambulatorio da Clinica Pediatrica, no Asilo de Expostos e nos consultorios da Liga Bahiana Contra a Mortalidade Infantil, rara é a semana em que se não registram casos de tuberculose em crianças de tenra idade.

Toda afecção bronco pulmonar prolongada do bebê, febril ou sub-febril e até sem febre, embora se trate de menino de aspeto aparentemente normal, florido, e sobretudo se houve contagio ou convivencia com pessoa suspeita — um parente que tem as suas «gripes cronicas», «asma antiga», com o escarro de sangue de vês em quando, atribuido aos esforços de tosse, e muito mais ainda se no lar houve um tuberculoso declarado, deve ser considerada suspeita e como tal objeto de cuidados especiais e atentos.

A sensibilidade da criança para a tuberculose é sobremaneira marcada. Ha experiencias classicas que provam á evidencia o fato: se se sequestra o menino do contagio materno logo após o nascimento,



embora a genitora apresente lesões extensas e elimine bacilos em profusão, o contagio não se dará; mas se a separação não ocorre logo e a criança convive dias ou mesmo horas, a contaminação será inevitável.

As afecções do aparelho respiratorio, como sejam as bronquites, as bronco-pneumonias e pleurisias, logram tambem fazer crescido numero de obitos, sobretudo como complicações das doenças eruptivas, da coqueluche, da gripe.

O recém-nascido, particularmente, é muito sensível ás variações de temperatura; donde o preceito capital de ser preciso resguarda-lo convenientemente, sem comtudo haver mister incorrer nos exâgeros de priva-lo dos compartimentos arejados, nem da vida ao ar livre, bem que se deve proporcionar ás criancinhas desde os seus primeiros dias.

Resta falar-vos, neste alinhavado resumo, de outra classe de doenças, que pesam tanto no obituario infantil quanto essas todas reunidas: as doenças do aparelho gastro-intestinal.

«A mortalidade do lactente é sobretudo questão de alimentação», disse-o o Prof. Morquio, de Montevidéo.

Na Bahia, afirma o Prof. Martagão Gesteira, de mil crianças que nascem vivas, 160 não logram completar um ano de vida, e destas, 72, isto é, 47 % são vitimadas por afecção do aparelho digestivo: diarréa, toxi-infecções intestinaes, enterites, resultantes de erros alimentares, e que poderiam, portanto, ter sido facil e seguramente evitados, graças a uma higiene alimentar conveniente.

São, pois, as consequencias dos alimentos ina-



propriados, precocemente ministrados, ao debil estomago da criança que promovem a maior soma de casos fatais no obituario infantil.

A' vista do exposto, outra pergunta se impõe: E porque adoecem tanto os pobresinhos que não teem culpa dos males desta vida?

Por causas diversas, que podem ser divididas em congenitas, sociais e medicas.

As primeiras são as que perseguem o menino desde o berço, tornando-o debil, inviavel, intoxicado.

De modo geral, todas as causas de sofrimento materno, sejam fisicas ou morais, são susceptiveis de influir no transcurso da gestação e no seu produto. Neste grupo, inclue-se a fadiga por excesso de trabalho, fato sobejamente comprovado por cuidadas estatisticas, por onde se verificam as beneficas influencias do repouso, pois o simples repouso de 15 dias antes do parto é capaz de influir no peso e na saúde do recém-nato.

Entre as causas do segundo grupo figuram as variadas e dolorosas contingencias da vida, dependentes da complicada entrosagem social hodierna, tais como o abandono, a ilegitimidade, o pauperismo, a miseria e, particularmente, a ignorancia.

Resa um preceito elementar na puericultura, da autoria de Roussel: tudo que tende a separar a mãe do filho é causa de sofrimentos e um perigo de morte.

A separação da mãe e do filho, disse-o Morquio, deve ser sempre considerada grande injustiça.



E ha de fato, meus senhores, injustiça pungente em torno dessa exquisita condição social: a mãe viva e entretanto o seu filhinho é orfão!...

Todos os que se teem occupado dos asilos de menores abandonados insistem na importancia deste ponto: os cuidados maternos, por mais que sejam aqueles de que se procure cercar os abandonados, jamais podem ser igualados.

Posto que os asilos mereçam toda simpatia, pela finalidade do agasalho que oferecem aos pobresitos deserdados da sorte, nunca se poderiam comparar ao teto da familia.

A ilegitimidade, o pauperismo e a miseria são condições em que nem ha mister insistir.

É noção corriqueira a de que a ilegitimidade fornece maior numero de obitos que a legitimidade: revelam as estatisticas que morrem dois illegitimos para cada legitimo.

Nós, medicos, que mourejamos nessa especialidade e sobretudo a exercemos nos serviços de ambulatorio, conhecemos de sobejo dolorosos aspetos da vida humana, através dos quadros contristadores que se nos desenrolam com frequencia de mães solteiras ou desamparadas, obrigadas a ganhar o sustento, e nem siquer podem ás vêses adquirir minguada porção de leite para manter a fome ao filhinho faminto ou doente.

Resta enfrentar a questão da ignorancia.

Sem receios poderei assegurar-vos que, em nosso meio, é a principal culpada de toda essa calamidade. Ela e sobretudo uma sua variante: o preconceito, o qual persegue a criancinha desde que chega ao mundo.



Os maus conselhos, as abusões, a influencia das velhas comadres, das entendidas na materia, gente que sobra em nosso meio e se insurge sempre contra as aquisições dos modernos preceitos de hygiene infantil, por uma resistencia passiva e disfarçada, contribuem com avultada responsabilidade nos desastres que a cada passo se verificam e fazem victimas imbeles os delicados seres dignos de toda atenção.

Mal nascida ainda a criancinha e começa a obsessão dos purgativos e beberagens—o classico maná e oleo, as infusões diversas e xaropes, co-autores das perturbações intestinais ás vêses serias—absolutamente inuteis, porquanto a natureza soube prover o jovem organismo de recursos naturais, que muito bem dispensam semelhantes praticas.

Depois, são os banhos precoces, ato-continuo ao nascimento, com aguas poluidas, impuras, que mãos impuras igualmente ainda mais as poluem; e os curativos intempestivos da ferida umbelical, com essas mãos mesmas desasseadas, e mais pomadas e emplastros, e fumo em pó e quanta sordicie ha, a colaborarem na disseminação do tetano e daquelas outras doenças das quais vos falei linhas atraz; banhos que na opinião das autoridades devem ser adiados para quando a ferida umbelical esteja cicatrizada, substituidos nesses primeiros dias por loções que ponham comtudo ao abrigo de contaminações essa ferida fisiologica, e cuja temperatura e pureza de agua, sempre fervida, devem exigir maiores considerações.

Depois, são as correntes de ar, o desabrigo, os passeios antecipados, a obsessão e mania do beijo



sem escrúpulos, a chupeta, esse instrumento dificilmente aceitável, em que pese ás acatadas opiniões dos que a defendem—, toda essa coorte malefica que mantém o privilegio de propagar as doenças do aparelho respiratorio e a tuberculose.

Ha porem uma causa que culmina no acervo da pluriletalidade infantil: é a decantada questão do modo de alimentar.

O Prof. Morquio, notavel pediatra de Montevideó, emitiu sentenças lapidares a respeito da importancia da alimentação natural, isto é, da alimentação ao seio, preferentemente materno, algumas das quais tomo a liberdade de repetir-vos: «O leite de peito é especifico para o menino e o unico capaz de dar um rendimento fisiologico» — «Por intermedio do peito a mãe continua transmitindo ao seu filho principios e substancias especificas e imunisantes» — O menino de peito rara vês adoece e excepcionalmente morre» — «O peito é o melhor alimento e melhor medicamento do menino enfermo» — A verdade é esta: rara vês morre um menino de peito: ao passo que o latente que morre é quasi sempre alimentado artificialmente»:

O Prof. Martagão Gesteira, que á causa da puericultura em nosso meio se tem dedicado apaixonadamente, confirma sob outro aspeto a importancia insofismavel do aleitamento ao seio, por meio de graficos organizados no serviço de Higiene Infantil sob sua direção. De «280 obitos ocorridos em meninos de dois anos de idade, 260 são verificados em meninos criados artificialmente e 20 em crianças nutridas ao seio». «Em 1924, por exemplo, frequentaram os consultorios da L. B. C. M. I. 2483 latentes (cri-



anças até dois anos), para os fins de fiscalização higienica. Pois bem: dessas, 710 eram criadas ao seio e forneciam uma percentagem de 44,51% sãs e 55,36% doentes, e artificialmente 783, das quais 16,85% sãs e 83,14% doentes.»

«O seio e o coração maternos são insubstituiveis», disse notavel puericultor.

Mas, nunca é demais frisar que a origem do descalabro causado pela alimentação impropria reside sobretudo na ignorancia. E' verdade que a vaidade mal compreendida e o comodismo levam ás véses as mulheres a esquecerem os mais sagrados e simpaticos deveres da maternidade. A estas já se deu, com acerto, o epiteto de «meias mães». São porem a ignorancia e o preconceito, pois aqui não entram a miseria e o pauperismo, que o leite materno não custa vintem, os culpados pelos disturbios gastro-intestinais consequentes á alimentação inapropriada, porque esses fatores, sobretudo o preconceito, agem tanto nos meios pobres como nas classes abastadas.

O espirito feminino, trabalhado pela familia, influenciado quasi sempre por um dos propagandistas a que ha pouco aludi; tocado na tecla irresistivel da vaidade ou insinuado da ideia de que o seu leite não basta ao seu filhinho, porque é «fraco», quando não é a invenção de que a criança está minando o organismo materno, acaba por concordar com a injustiça do alimento artificial.

---

Meus senhores e exmas. senhoras, escreveu Strauss que a morte prematura dos recém-nascidos



é «o peor desastre, é a vergonha suprema de uma civilização superior».

Por toda parte vozes autorizadas de verdadeiros apóstolos clamaram contra a iniquidade do espantoso numero de vidas roubadas na mais tenra infancia, muitas e muitas vêses antes de completarem o seu primeiro aniversario. Foi a França precursora desse movimento. A reação surgiu energica, aqui e ali, e se desdobrou, rapida, por todo o mundo, sob o patrocínio dos poderes publicos ou associações particulares.

Nesses ultimos anos, dois paises sobretudo se collocaram á vanguarda dessa campanha patriótica: a Alemanha e os Estados Unidos.

No Brasil o magno problema tem merecido tambem as atenções de espiritos esclarecidos. No Rio, impõe a justiça se mencionem dois nomes, aos quais muito deve a pediatria e puericultura nacionais: Moncorvo pae e Fernandes Figueira. O primeiro foi sem favor o pioneiro do movimento pró-infancia no Brasil. Fundou em 1901 o Instituto de Prot. e Assist. á Inf. do Rio de Janeiro, o qual serviu de molde e incentivo aos outros que se seguiram nos varios Estados. A sua personalidade marca o advento da puericultura organizada em nosso país. O segundo, espirito clarividente de cientista de pról, assinala a nova fase da puericultura moderna em nosso meio, concretizada nos moldes que soube imprimir, a contar de 1920, quando foi investido das funções de Insp. Federal de Hig. Inf., para o qual o nomeara o Governo da Republica.

Na Bahia, manda igualmente a justiça se ponham em relevo dois outros nomes; Alfredo Maga-



lhas, a quem coube a prioridade do movimento, e Martagão Gesteira.

Eu não lhes devo melindrar a modestia, uma vês que ambos se encontram aqui presentes, exalçando a obra meritoria que hão realizado, como verdadeiros abnegados da causa da criança bahiana; mas permito-me o justo direito de render-lhes neste momento, em nome dessa mesma criança, as homenagens a que fazem jús, pelo muitos beneficios que a ela têm proporcionado através das obras que representam o Instituto de Prot. e Assist. a Inf. e a L. B. Contra a M. I. Eles bem sabem o quanto padecem os que se dedicam a tais instituições, conseguindo verdadeiros milagres num meio ainda avesso aos empreendimentos de caridade e hygiene como é, inexplicavelmente, o nosso, onde o espirito de beneficencia é inato, tradicional, porque reponta espontaneo nas crianças, que não sabem vêr um mendigo sem que lhes queiram logo dar uma esmola e onde entretanto ocorre o extravagante contraste da negação de auxilio ás obras desse jaez.

Á medida que evolucionam os conhecimentos da pediatria e puericultura, multiplicam-se medidas para o almejado designio de pôr embargos ao elevado percentual de mortalidade infantil.

Hoje ha um sem numero de instituições que visam proteger a mulher-mãe e o seu filho; ou a criança somente, obedecendo ás modernas orientações scientificas; ou procuram amparar a miseria, a ilegitimidade e fatores outros correlatos. Assim os Asilos, Casas e Abrigos Maternais—que acolhem mãe e filho e até toda a familia, só com o fito de salvar uma vida ameaçada; as *Pouponières* ou Pu-



pilheiras — segundo a tradução de Plácido Barbosa— onde crianças encontram leite humano, fornecido pelas nutrizes que dispõem desse alimento mais do que necessitam os seus filhos: as *Crèches*—verdadeiros externatos de lactentes, que aí são postos durante o dia, enquanto as mães-operarias trabalham, e trocam assim o lar, onde, sós, correriam perigo, por um comodo arejado e higienico e alimentação apropriada; os Lactarios ou Camaras de Aleitamento, onde as mães teem o direito de comparecer a horas marcadas para aleitar os seus pirralhos; as Cantinas Maternais—onde as mulheres vão receber uma ou duas vêses por dia alimentos gratuitos, que lhes melhorarão o leite e as porão ao abrigo das preocupações da fome, com a condição de serem as proprias nutrizes dos seus filhos; os Consultorios de lactentes--aos quais os meninos devem comparecer para pesadas, em dias marcados, e as familias receberão conselhos de puericultura, consultorios esses cuja atuação é reforçada pelas enfermeiras visitadoras, a levarem ao domicilio a propaganda da hygiene infantil.

Todas estas organizações puericolas e muitas outras que seria fastidioso enumerar, concorrem para proteger a infancia e coibir a sua elevada mortalidade.

As modificações para melhor que se observam nas estatisticas daqueles países cujas cifras trouxe ao vosso conhecimento, estão condicionadas justamente, aos carinhos que eles dispensam á criança.

Resta falar-vos, ainda, de uma obra meritoria. Reservei-a, propositadamente, para depois, por-



que merece menção especial. Quero referir-me á Escola de Mãesinhas.

Destina-se ao ensino das noções de puericultura ás colegiais, ao preparo das futuras mamãs.

Na modesta organização puericola da Bahia, ao lado dos consultorios de lactentes em pleno funcionamento, crèches, abrigo maternal, ha tambem uma escola de mãesinhas, instalada no predio da Liga Bahiana Contra a Mortalidade Infantil, ao Campo Grande.

Na organização do Asilo de Assistencia e Proteção á Infancia ha tambem uma obra similar.

Como complemento a esta obra, tem-se incluido nos programas do curso normal este ensino, sem a intensidade merecida. A escola deve ser a grande divulgadora das noções de puericultura e o ensino deve começar desde os primeiros anos do curriculo escolar, porque "a higiene e a educação da primeira infancia devem ser um dos principais fins da educação domestica, em todos os niveis escolares e um dos principais objetivos do ensino, nos seus diversos graus".

Em outros paises assim já é, felizmente. Entre nós, tambem, já se faz o que pode permitir um diminuto pessoal e verba escassa. A Diretoria de Higiene Escolar, confiada aos cuidados do prof. Alfredo Brito, promove a propaganda nos collegios por meio de conferencias medicas ao alcance das alunas

Mas, essas medidas, com quanto louvaveis e proveitosas, ainda não bastam. Como bem ponderou Fernandes Figueira, a propaganda teorica para o nosso povo é esforço baldado, é ilusão. O ideal será educar as moças por meio de lições praticas, exem-



plificando em hospitais ou em postos de higiene. E disse muito bem.

Partindo deste principio, o Prof. Olinto de Magalhães organizou, este ano, um curso elementar para as escolas primarias, justamente para remover as deficiencias do ensino teorico, que ali se ministra, tornando-o mais proveitoso e eficiente, porque realizado nos consultorios de Higiene Infantil. As alunas cuidarão dos bebés, ao lado das enfermeiras que lhes ministrarão conhecimentos praticos de puericultura, de geito que se familiarizem com o manejo da criança, o banho, o vestuario, a alimentação, etc.

«E de nenhuma moça se poderá dizer que completou a sua educação» escreve ele, «se lhes faltarem estes conhecimentos, de tão vital importancia para o seu futuro e para o seu país».

E' a vós portanto, senhorinhas alunas desta Escola, a quem especialmente me dirijo neste instante e concito a ampliar o raio benefico da vossa atuação de professoras de amanhã, ajuntando aos misteres da vossa profissão, dignos do maior apreço, quais os de lutar contra o analfabetismo e inculcar no espirito dos jovens discipulos a noção do respeito, da ordem, da familia e patriotismo, aquele outro não menos louvavel do amôr ao cultivo da plantinha humana.

Porque será a vós, mestras, que caberá um dia o magno papel de colaborardes na obra de salvação perfeita da infancia, do corpo e do espirito, quando fordes a um tempo mestras e enfermeiras, realizando assim a missão acabada de puericultoras.

Mas, embora não estejais ainda nesse sentido preparado, aproveitai o quanto possivel a frescura



do cerebro dos vossos discipulos, nessa idade infantil em que as noções se fixam na memoria e impressionam a mente com a nitidez de uma chapa fotografica, e sensibilizai os para o bem, em prol da infancia, com o que tereis cumprido um dever por todos os justos titulos digno de gratidão da Patria.

Lembrai-vos sempre dos versos delicados e preciosos do grande poeta Guerra Junqueiro:

«A almas infantis são brandas como a neve  
São perolas de leite em urnas virginais  
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve  
Cristaliza em seguida e não se apaga mais».

Meus Senhores e Exmas. Senhoras. Cumpre-me agora, o dever de agradecer-vos a honra e a bondade que me dispensastes, prestando ouvidos a esta palestra, no curso da qual, por força do tema dissertado, me vi na conjuntura de falar de coisas tristes, de morte e doenças dos entesinhos, para os quais melhor fôra só tivesse de referir alegrias.

Consola-me, porém, a finalidade a que sirvo, pondo a minha desbotada palavra e minguadas economias intellectuaes em favor de uma campanha sobremaneira altruistica, com o intento de despertar nos vossos corações a necessidade de colaborardes na obra de amparo e proteção á infancia, apelando ao mesmo tempo para os vossos sentimentos de caridade em prol da aliança á essa cruzada de benevolencia, que nos congrega nesta solenidade mais que qualquer outra digna de interessar á humanidade, porque objetiva salvar o que mais se pode prezar na vida — «Sua Magestade A Criança».



## SEMANA ANTI-ALCOOLICA

---

*Palestra realizada na Associação  
Bahiana de Educação pelo Dr. Vi-  
dal da Cunha.*

---

*Exmas. Senhoras.  
Meus Senhores.*

Habituação e até certo ponto identificado com a profissão que exerço, não me assiste o direito de deixar de comparecer, onde quer que a minha presença seja requerida, porque penso que, sendo essa profissão de procura e não de oferta, quando solicitado, o clinico deve apressada e pressurosamente acudir ao chamado, para, em conjunto, medico e familia formarem barreira contra o assalto de que se acha acometido o paciente, aliviando-o na medida do possivel com todas as forças e meios de que se possam dispôr.

Assim aqui estou, para concorrer com a minha pequenissima parcela, com o fim de fazer cõo com todos aqueles que lutam, desenganada e heroicamente, contra o alcoolismo e as suas consequencias nefastas, atendendo ao chamamento do meu illustrado amigo e competente diretor do Ensino Primario—Dr. Arquimedes Guimarães, a quem não pude negar nem me furtar ao convite gentil, convicto de que vos venho falar como clinico, fortalecido da observação que adquiri com o amanho quotidiano da profissão, sem pretensão de trazer originalidade nem novidade neste campo, nunca demais debatido, da campanha contra o alcoolismo.



Trago-vos muito pouco, é verdade, mas tudo isso envolto na minha melhor vontade de servir, sem laivos de doutrina, sem horizontes novos...

Exmas. Sras. e Meus Srs.

Sinto-me completamente á vontade para falar do alcool e contra o alcool, porque sou daqueles que têm a convicção arraigada e profunda, do nenhum beneficio trazido pelo alcool e bebidas alcoolicas, porque não o suporto nem uso.

Não sou, entretanto, extremista, a ponto de querer que se elimine o uso de certas bebidas alcoolicas, como vinho e cerveja, não; penso que esse uso não trará prejuizos nem á sociedade nem ao individuo, lembrando-me alem do mais, que o alcool representa, incontestavelmente, uma das fontes de renda nacional.

O que se faz mistér é o combate ao vicio e ao abuso que se comete com o alcool, procurando-se provar o seu valôr no ponto de vista higienico, como regenerador de energias e substancia necessaria ao metabolismo organico.

Sabe-se que o alcool é ingerido a qualquer proposito e com ou sem pretexto: bebe-se porque está frio; bebe-se porque ha calor; bebe-se porque se está alegre; bebe-se porque se está triste; bebe-se porque se não tem fome (aperitivo); bebe-se para facilitar a digestão; bebe-se não se sabe bem porque, para matar a saudade, e assim muitos outros motivos poderia citar, confirmativos de que o alcool serve para tudo e tem todos os fins possiveis e imaginaveis.

O trabalhador ao amanhecer, antes de qualquer coisa, ingere, em jejum, grande quantidade de alcool,



com o fim de, como se diz na gíria—*matar o bicho* ou *abrir o corpo*, repetindo essa pratica antes do almoço e antes do jantar e á noite para fechar o corpo, não contando as outras ocasiões em que, em virtude de estar suando, ingere a sua *goladinha*.

Com esse uso imoderado de bebidas alcoolicas e frequentemente repetido, imaginemos quais as consequencias que daí possam decorrer—é positivamente o alcoolismo, molestia, que seguirá sua marcha, fatalmente, se não houver providencia salutar e energica para proibir esse abuso.

O alcoolismo não é mais do que o envenenamento cronico, lento e despreocupado, que resulta desse uso habitual do alcool, mesmo quando não produz, como nos casos acima citados, fenomenos de intolerancia ou embriaguez.

É um grande erro supor-se que o alcool seja necessario aos trabalhadores braçais e manuais ou áqueles que se entregam a trabalhos fatigantes, na crença suposta de que é reparador de forças e restaurador de energias. Em verdade, ha uma excitação no começo, produzida pelo alcool, excitação momentanea, que logo é substituida por depressão nervosa, fraqueza, alquebramento de forças, demonstrando a inutilidade de tais praticas e os resultados maus: porque, digam o que quizerem, o alcool a despeito de tudo e seja de que forma fôr, não é util a ninguem: é nocivo a todo o mundo.

Não nos iludamos, não ha diferenças sensiveis entre aqueles que consomem a cachaca (aguardente) e aqueles que bebem outras especies de bebidas alcoolicas; tudo isso está na questão da dóse e de con-



centração em álcool, porque tanto é alcoolista este como aquele.

Lauder Brunton no seu excelente livro — Ação dos medicamentos, cita uma observação curiosa do dr. Milner, procurando pôr em relevo a ação nefasta do álcool e o seu desvalor como substancia nutritiva e reconfortadora;— «Um troço de soldado acampou na serra Nevada, colocada a grande altura do nível do mar, onde havia muito frio e o estado dos soldados era lastimavel. Como se havia levado *whisky* para servir de estimulante, alguns beberam demasiadamente, outros beberam pouco e outros nada beberam; pois bem os que beberam á saciedade, amanhecera mortos e gelados; os que beberam pouco permaneceram deitados e assim ficaram nos leitos sem se levantarem por alguns dias; os que não beberam nada tiveram». Isso prova que o álcool tem ação dupla, é faca de dois gumes, dilata os vasos cutaneos, facilitando a perda de calor e diminúe consideravelmedte as oxidações organicas.

As bebidas alcoolicas têm realmente valôr nutritivo?...

A essa pergunta respondem diferentemente os autores, depreendendo-se de tudo que o álcool sob qualquer ponto de vista que se encare é sempre toxico.

Triboulet, Mathieu, Mignot, Liebig e outros classificaram o álcool como fonte de calor. Atwater e Benedict asseguram que em quimica biologica o álcool pode ser considerado como alimento.

Não tenho o intento, nem vos quero aborrecer citando opiniões de autores nem qualidades ou especies de bebidas alcoolicas, afirmativas do meu modo



de pensar, mas não me posso furtar á tentação de vos mencionar, aqui, a opinião valiosissima de Lauder Brunton, na sua já citada obra, relativa ao emprego do alcool nos diversos estados febris. Diz ele: — O emprego do alcool nos diversos estados febris é regido por uma regra muito simples: é necessario se ficar assentado por algum tempo á cabeceira do doente e observa-lo depois de ter ministrado o alcool; se fôr verificado que essa substancia fez voltar á normalidade qualquer função que estava deprimida, o medicamento tem efeito feliz; se as funções organicas se deprimem mais, depois da ingestão do alcool, o medicamento tem uma ação nociva».

Com isso quis ele deixar bem patente que não ha absolutamente fundamento para se garantir qual será o resultado do emprego do alcool, mesmo em pequena quantidade e em dose terapeutica.

Se o alcool é um alimento, é mau, afirmam Atwater e Benedict.

Triboulet a quem se deve muitissimo, pela campanha feita contra o alcoolismo, faz as seguintes ponderações confirmadoras do desvalor do alcool como alimento: «O motor humano em França, pelo menos, é inapto a funcionar com alcool. E uma vez que fizemos essa comparação mecanica com o motor permitam-me perguntar, sem esquecer que comparação não é razão, porque, havendo a nossa disposição produtores de força como a dinamite e a panclascite, empregamos o comum moto-petroleo? Razão simples, mas de logica irrefutavel:— é que o atomo de panclascite se torna intoleravel e inadequado aos nossos motores que não o suportam».